



ECLÊNIR DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA
MASTANAWA (PANO)**

**CAMPINAS,
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ELENIR DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA MASTANAWA
(PANO)**

Orientador: Prof.Dr. Angel Humberto Corbera Mori

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Linguística.**

CAMPINAS,

2013

iii

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

Si38u

Silva, Eclenir da, 1963-
Um estudo sobre a fonologia da língua Mastanawa
(Pano) / Eclenir da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador : Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Línguas. 2. Fonética - Fonologia. 3. Língua
mastanawa. I. Corbera Mori, Angel H., 1950-. I.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: A Phonological Study of the Mastanawa Language (Panoan).

Palavras-chave em inglês:

Indigenous Languages

Phonetics - Phonology

Mastanawa Language

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Wilmar da Rocha D'Angelis

Eliane Camargo

Data da defesa: 26-03-2013.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

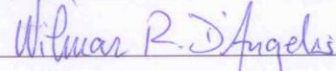
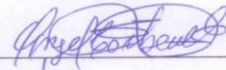
Angel Humberto Corbera Mori

Wilmar da Rocha D'Angelis

Eliane Camargo

Emilio Gozze Pagotto

Rogerio Vicente Ferreira



Ao povo Mastanawa.

AGRADECIMENTOS

Ao povo Mastanawa, em especial, os moradores da aldeia Naranjal que me acolheram com muito carinho. Ao Cacique Xacapa e sua esposa Wesho que me receberam em sua casa, e ao Shatadawa, pela disposição em colaborar, informando os dados.

Ao Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori por ter orientado este trabalho, pelas indicações de leituras que foram fundamentais na composição da dissertação e pela paciência com a minha inexperiência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudo concedida durante o curso de Mestrado.

Aos professores Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis e Dra. Eliane Camargo, examinadores da banca de defesa; e professores Dr. Emilio Gozze Pagotto e Dr. Rogério Vicente Ferreira, examinadores da banca de qualificação e suplentes da banca de defesa, pela leitura do texto e por suas valiosas contribuições.

Aos amigos das repúblicas da Aliança Bíblica Universitária (ABU), especialmente, David Kurka, Fabiana Pereira e Érika, por me abrigarem num momento crucial.

Aos amigos Thaís Freiria, Isaías Munis e Mônica da Cruz, pela amizade e apoio.

Aos amigos Roberto e Elaine Covolan, Roberto e Anabel Deuber, e Marina Pinheiro, pela amizade, carinho e por cuidarem de mim como alguém da família.

Às amigas Arlene e Antilha, pelo apoio à minha viagem à comunidade Mastanawa.

À professora Dra. Aline da Cruz, pelas sugestões.

A Graciete Mota, pelo apoio na viagem à aldeia Naranjal e no trabalho de campo.

Ao meu pastor, Jesus Aparecido, pelo incentivo e orações, pelos sábios conselhos nos momentos difíceis e principalmente de dúvida.

Aos irmãos e irmãs da Igreja Batista Central de Anápolis (IBCA), pelo carinho e orações.

Ao amigo William Roy Penning, pela amizade e carinho, e pelas valiosas contribuições na composição deste trabalho.

À amiga e professora Dra. Gláucia Vieira Cândido que me incentivou a fazer o Mestrado e a estudar a língua Mastanawa, e que durante a composição desta dissertação, leu alguns dos meus textos, criticou e deu sugestões.

À minha mãe, Maria Vieira, pelo amor e carinho, pelo cuidado, por compreender minha ausência de casa e as longas horas de estudo, e pelas orações.

Aos meus irmãos, Edileusa, Elisabeth, Ezequiel, Elias, Euzemir e Elizângela; aos cunhados e sobrinhos, especialmente a sobrinha Giovana, pelo carinho de sempre. Agradeço à minha irmã Elizângela e ao meu irmão Ezequiel que, de forma específica, me ajudaram no período que morei em Campinas.

Enfim, ao SENHOR, meu Deus, a quem devo tudo. Inclusive, esta conquista.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar uma descrição fonética e fonológica da língua Mastanawa (pertencente à família linguística Pano). Para isso, o trabalho foi dividido em cinco seções principais: a seção um, parte introdutória, consiste de um relato sobre nosso primeiro contato com a língua Mastanawa, o trabalho de campo e a metodologia usada para a coleta dos dados; a seção dois contém um pequeno histórico sobre o povo Mastanawa, sua localização e alguns aspectos da cultura; as seções três e quatro, a descrição dos sons existentes na língua e a análise fonêmica, respectivamente; e a quinta seção apresenta a sílaba, uma discussão sobre os segmentos ambivalentes *j* e *w*, e o acento no Mastanawa. As seções finais são complementares e inclui: uma breve conclusão, as referências bibliográficas e dois apêndices que trazem, respectivamente, um vocabulário básico da língua e mapas de localização geográfica dos Mastanawa.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Fonologia. Língua Mastanawa.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to present a phonetic and phonological description of Mastanawa, a language belonging to the Panoan linguistic family. To accomplish this, the work was divided into five main sections. The first section—the introductory part—consists of an account of our first contact with the Mastanawa language, fieldwork and the methodology used for data collection. Section two contains a brief history of the Mastanawa people, where they are located, and some aspects of their culture. Sections three and four contain, respectively, a description of the sounds that exist in the language and a phonemic analysis. And in the fifth section the syllable structure is presented, along with a discussion of the ambivalent segments j and w and the use of accents in written Mastanawa. The final sections are complementary and include a brief conclusion, bibliographical references, and two appendices that list, respectively, a basic vocabulary of the language and maps of the geographic location of the Mastanawa.

Keywords: *Indigenous Languages. Phonology. Mastanawa Language.*

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

cf.	Confira
n.d.a	Nos demais ambientes
V	Vogal
C	Consoante
A	Ataque
R	Rima
C	Coda
N	Núcleo
#	Fronteira de palavra
'	Acento primário
,	Acento secundário
()	Opcionalidade
σ	Estrutura silábica
.	Fronteira silábica
[]	Representação da transcrição fonética
//	Representação da transcrição fonológica
< >	Representação gráfica
/	“Ocorre (no ambiente de...)”
~	“Varia com...” ou “Alterna com...”
‘ ’	Tradução livre
=>	“Passa a...”
→	“Manifesta-se como...”

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	19
1.1 Contato com a Língua Mastanawa.....	20
1.2 Trabalho de Campo.....	21
II. O POVO E A LÍNGUA MASTANAWA	25
2.1 O Povo Mastanawa.....	25
2.2 A família linguística Pano.....	31
2.3 A língua Mastanawa.....	33
III. DESCRIÇÃO FONÉTICA DOS SEGMENTOS	35
3.1 Descrição dos segmentos fonéticos.....	35
3.1.1 Fones consonantais.....	36
3.1.1.1 Oclusivas: [p], [b], [t], [d], [c], [k], [q] e [ʔ].....	36
3.1.1.2 Africadas: [ts], [tʃ] e [dʒ].....	40
3.1.1.3 Fricativas: [ɸ], [s], [ʃ], [ʂ] e [h].....	41
3.1.1.4 Nasais: [m], [n], [ɲ], [ŋ] e [N].....	44
3.1.1.5 Tepe: [r].....	46
3.1.1.6 Aproximantes: [w] e [j].....	47
3.1.2 Fones vocálicos.....	48
IV. ANÁLISE FONÊMICA	53
4.1 Segmentos consonantais foneticamente semelhantes.....	54
4.1.1 Lista dos pares de fones consonantais semelhantes.....	55
4.1.2 Lista dos conjuntos de fones consonantais semelhantes.....	56
4.2 Fonemas consonantais.....	56
4.2.1 Contraste em ambientes idênticos.....	56
4.2.2 Contraste em ambientes análogos.....	64
4.2.3 Distribuição complementar.....	68
4.2.4 As nasais [m], [ɲ], [N] e [n].....	70

4.2.5 Variação livre.....	72
4.3 Segmentos vocálicos foneticamente semelhantes.....	74
4.3.1 Lista dos pares de fones vocálicos semelhantes.....	75
4.4 Fonemas vocálicos.....	76
4.4.1 Contraste em ambientes idênticos.....	76
4.4.2 Contraste em ambientes análogos.....	76
4.4.3 Distribuição complementar.....	77
4.4.4 Variação livre.....	78
4.4.5 Nasalidade.....	80
4.5 Problemas de análise.....	82
V. A ESTRUTURA SILÁBICA.....	89
5.1 A constituição interna dos tipos silábicos.....	91
5.1.1 Consoantes em posição de Ataque.....	93
5.1.2 Consoantes em posição de Coda.....	97
5.1.3 Posição de Núcleo.....	98
5.2 Os glides [w] e [j].....	99
5.2.1 Sequências vocálicas ambíguas.....	103
5.3 O acento.....	105
5.3.1 O acento em palavras simples.....	105
5.3.2 O acento em palavras compostas.....	106
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE I: Vocabulário Básico Mastanawa.....	115
APÊNDICE II: Mapas.....	129

I INTRODUÇÃO

A extinção das línguas é um assunto que tem preocupado não somente os linguistas, mas também as próprias comunidades cujas línguas estão na eminência de desaparecer. Krauss (1992) estima que, do jeito que as coisas estão indo, mais da metade das 6.000 línguas existentes no mundo pode desaparecer dentro de cem anos. Essas línguas em perigo são conhecidas como *línguas ameaçadas de extinção*, neste grupo estão incluídas as línguas indígenas.

O desaparecimento das línguas indígenas está ligado a diversos fatores, entre eles as epidemias, a violência e a repressão que, no passado, os povos indígenas sofreram, quando populações inteiras foram dizimadas. Com a eliminação desses povos suas línguas também desapareceram.

Além desses acontecimentos que contribuíram para a extinção de muitas línguas indígenas, existe outro fator que tem ameaçado sua existência: é o contato dos povos indígenas com línguas dominantes. Segundo Hinton (2001), no século XX, a morte das línguas indígenas foi acelerada pelo contato com a televisão, a educação na primeira infância e outras práticas trazidas da sociedade dominante a esses povos, isto fez com que aumentasse o nível de contato dessas línguas com a sociedade e diminuísse o domínio nos quais as mesmas pudessem ser usadas. No contato com as línguas dominantes como, por exemplo, o Português e o Espanhol, os povos indígenas, devido às pressões socioeconômicas, se veem forçados a utilizar essas línguas, as quais acabam por se impor dentro de suas comunidades.

Uma língua extinta representa grande perda para a humanidade, porque com sua extinção perde-se toda uma cultura, o sistema de conhecimento e filosofias, as tradições literárias orais e musicais, seu conhecimento ambiental e médico, as práticas culturais importantes e habilidades artísticas (HINTON, 2001). Felizmente, nas últimas décadas tem crescido a consciência em todas as nações sobre a importância do legado cultural e linguístico indígena e as consequências práticas de uma realidade multilíngue (ADELAAR, 2000, p. 84).

Diante da realidade em que se encontram as línguas indígenas, é necessário um esforço contínuo na investigação e descrição das mesmas antes que se extingam. Com o objetivo de contribuir para a preservação da língua Mastanawa, apresentamos esta dissertação contendo um estudo descritivo da fonologia dessa língua.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: a seção um é introdutória, nela relatamos como se deu nosso primeiro contato com a língua Mastanawa e o trabalho de campo, no qual expomos como foi nossa estadia na aldeia e a metodologia usada para a coleta do material linguístico utilizado nesse estudo.

A seção dois traz um relato histórico do povo Mastanawa, sua localização geográfica e alguns aspectos concernentes à cultura. Além disso, apresentamos algumas informações sobre a língua Mastanawa e estudos existentes sobre essa língua.

A seção três apresenta a descrição fonética dos sons da língua Mastanawa e a seção quatro, a análise fonêmica dos mesmos. Para realização dessas etapas nos baseamos principalmente em autores como Pike (1947) e Burquest (2006), consultando vez por outra os trabalhos de Trubetzkoy (1969) e Hyman (1981).

Na quinta seção, apresentamos a sílaba e o acento no Mastanawa. Na constituição desses itens tomamos como base os seguintes autores: Selkirk (1982), Goldsmith (1990), Blevins (1996) e Burquest (2006). Também discorremos sobre os segmentos ambivalentes *j* e *w*.

Concluimos este trabalho com dois apêndices. O Apêndice I traz um vocabulário básico da língua Mastanawa composto por 250 itens lexicais. O Apêndice II, por sua vez, traz dois mapas do Peru que mostram a localização dos Mastanawa.

1.1 Contato com a língua Mastanawa

Nosso primeiro contato com a língua Mastanawa ocorreu no ano de 2009 durante a graduação, quando participamos do programa de iniciação científica (PIBIC/CNPq/UEG) mantido pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Neste programa trabalhamos com o projeto de Reconstrução Histórica da Família Pano desenvolvido pelo Grupo de Investigação Científica de Línguas Indígena (GICLI), sob a coordenação da Dra. Gláucia Vieira Cândido. O projeto de Reconstrução da Família Pano consiste em fazer um trabalho comparativo entre

as línguas indígenas da família, visando à reconstrução da língua que teria originado todas as outras da família, ou seja, a protolíngua Pano.

Nossa participação no projeto foi apresentar propostas de protoformas para um subgrupo de línguas da família Pano, entre elas, a língua Mastanawa. Na execução do projeto, aconteceu nosso primeiro contato com informações sobre o povo e alguns dados da língua Mastanawa. Inicialmente, encontramos no *Website da Native Languages*¹ algumas informações sobre o grupo Mastanawa e reduzido vocabulário da língua.

Ainda na graduação, começamos a nos corresponder com Graciete Mota, uma missionária da JOCUM – Jovens Com Uma Missão, que residiu entre os Mastanawa por um período de cinco anos. Através dela, obtivemos um pouco mais de informações sobre o povo, como: atividades produtivas, alimentação, transporte e saúde. Por último, nos foi fornecido pelo professor Eugene Loos, estudioso das línguas Pano faladas na região da Amazônia Peruana, uma lista de 966 palavras e frases que foram coletadas por vários estudiosos dessa língua e compiladas por esse autor.

De posse desse material, entendemos que se faria necessário uma viagem à comunidade Mastanawa para confirmação dos dados, uma vez que os mesmos haviam sido coletados há mais de 30 anos e, devido ao dinamismo das línguas, muitas mudanças poderiam ter ocorrido nesse período. Também tínhamos o objetivo de coletar novos dados e desta forma fazer nosso trabalho com base em informações mais seguras.

1.2 Trabalho de campo

A viagem à comunidade Mastanawa ocorreu em novembro de 2011. Durante 18 dias estivemos entre os Mastanawa, especificamente na aldeia Naranjal, nos relacionando com o povo, conhecendo seus costumes e modo de vida, enquanto coletávamos os dados linguísticos para a composição deste trabalho.

¹ <<http://www.native-languages.org/mastanahua.htm>> Acesso em 25 mar. 2010.

Na coleta dos dados, utilizamos questionários em Português e Espanhol. Iniciamos com um questionário composto por 307 vocábulos em Espanhol que foi elaborado por nós, com base no material fornecido por Loos (1976). Em seguida, prosseguimos com o questionário lexical para estudos comparativos, constituído de 232 itens de *Rowe Standard Comparative Vocabulary*, mais 140 itens do léxico de M. Swadesh; e um léxico contendo adjetivos e verbos, num total de 357 itens, de autor desconhecido. Ademais, utilizamos parcialmente outros questionários, como o que foi proposto pelo Professor Angel Humberto Corbera Mori (IEL/UNICAMP) que segue uma classificação semântica; e o questionário da SIL e Museu Nacional composto por vocábulos e orações curtas.

Nosso principal colaborador foi Jaime Melendes Pinedo o qual, em Mastanawa, é chamado de Shatadawa. Aos 32 anos, Shatadawa é bilíngue, fala tanto Mastanawa quanto Espanhol fluentemente e entende um pouco de Português. Mesmo sendo falante nativo da língua, às vezes, durante as sessões de coleta dos dados, ele dizia não se lembrar de algumas palavras em sua língua materna, e, vez ou outra, buscava ajuda da mãe que é monolíngue em Mastanawa.

A coleta de dados foi feita na casa do Shatadawa; para isso, procedemos da seguinte forma: primeiramente elicitamos e transcrevemos os dados foneticamente usando os símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA) e, em seguida, gravamos cada item elicitado utilizando um gravador digital IC chip ICD-PX720 Sony, somando um total de aproximadamente 23 horas de gravação. É preciso ressaltar aqui que, em virtude de a casa situar-se em espaço totalmente aberto, as gravações não ficaram com a qualidade ideal. O gravador captou toda espécie de ruídos, como o canto de pássaros, o grunhido de animais domésticos; o choro, a risada, as brincadeiras das crianças etc., o que contribuiu para dificultar a identificação de alguns segmentos fonéticos da língua².

Na sequência, com os dados transcritos foneticamente, prosseguimos com a análise dos mesmos. Para reconhecer os fonemas seguimos essencialmente as técnicas de descobertas descritas em Pike (1947), complementando com os aportes teóricos de análise fonológica que

² Sendo o nosso primeiro trabalho de campo, a falta de experiência favoreceu o surgimento de algumas dificuldades na elicitação dos dados e também nas gravações. Por exemplo, o fato de não termos tanta prática de manusear o gravador certamente colaborou, em parte, para as imperfeições existentes nas gravações.

aparecem no texto de Burquest (2006). Durante o processo de análise dos dados, as transcrições foram checadas com o auxílio do programa para análise acústica Speech Analyzer Versão 3.0 da SIL (2007). Para as transcrições fonéticas neste trabalho, utilizamos a fonte SILDoulosIPA.

Após breve exposição sobre o problema das línguas ameaçadas de extinção e a importância de se fazer um trabalho descritivo dessas línguas antes que desapareçam, e depois de relatar nosso primeiro contato com a língua Mastanawa, o trabalho de campo, e a orientação teórica na análise dos dados, passamos a apresentação do povo e da língua Mastanawa.

II

O POVO E A LÍNGUA MASTANAWA

2.1 O povo Mastanawa

A palavra Mastanawa, etimologicamente, é composta por dois morfemas *masta* ‘martelo’ e *nawa* ‘homem, humano’. Não temos informações sobre o que deu origem a esse nome, somente que Mastanawa quer dizer o ‘homem do martelo’ (MOTA, 2012). Cândido (1998, p. 14) apresenta uma significação distinta para o termo, que é ‘povo escada’. De acordo com Fátima Ferreira (2002, p.32), Mastanawa significa “gente do socado”.

No que se refere à palavra *nawa*, outros a interpretam como ‘povo’, ‘estrangeiros’ (MASON, 1963, p. 263). Rogério Ferreira (2005, p. 16-7), em sua exposição sobre o significado de *nawa* para os Matis, sugere que a melhor tradução para essa palavra é “estrangeiro”. Segundo o autor, os Matis usavam a palavra *nawa* quando se referiam àqueles indivíduos que não habitavam nas matas, que eram estrangeiros ao seu mundo, ou seja, os não-índios.

A terminação *nawa* é comum nos nomes dos grupos da família Pano que residem às margens dos rios Juruá e Purus³, alguns deles são: Yaminawa, Sharanawa, Marinawa, Yawanawa.

O povo Mastanawa está localizado na selva baixa, às margens do rio Purus, na região do Departamento de Ucayali, Província do Purus, no Peru. Esta região fica na fronteira do Brasil (Estado do Acre) com o Peru.

Sobre a origem dos Mastanawa, não existem informações precisas. Segundo Mota (2010), no passado, o povo Mastanawa habitava na cabeceira do rio Curanja, um afluente do rio Purus. Cerca de 50 anos atrás começaram a descer o rio e se estabeleceram às margens do rio Purus (no Alto Purus), onde permanecem até hoje.

Alguns estudiosos relacionam a história dos Mastanawa à dos Sharanawa e a outros grupos da família Pano, como por exemplo, os Yaminawa. Aguiar (1994, p.186) comenta que Chirif e Mora (1977, p. 162) afirmam que a história dos Mastanawa se assemelha à dos Sharanawa, o que pode ser confirmado através do relato histórico dos Sharanawa feito por Ribeiro e Wise (1978) em sua obra *Los Grupos Etnicos de la Amazonia Peruana*, apresentado na série *Comunidades y Culturas Peruanas n° 13*. Segundo esses autores, por volta de 1900, os Sharanawa deixaram a cabeceira do rio Taruacá no Brasil, época em que outros grupos se mudavam para o seu território por causa da febre do Caucho. Cerca do ano de 1935, eles já haviam chegado ao Alto Curanja, de onde novamente foram dizimados por uma epidemia de sarampo, então se mudaram para o Alto Purus, com o objetivo de ter acesso a produtos comerciais. O grupo Mastanawa, por sua vez, chegou ao Purus mais ou menos no ano de 1954 em busca de facões e mercadorias.

Fátima Ferreira (2002, p. 32) afirma que vários grupos da família Pano, entre eles, os Xixinawá, Kununawá, Sharanawá, Yawanawá, Mastanawá e Bashonawá, habitavam na região do médio rio Ucayali, no Peru. Esses grupos, que eram conhecidos como grandes guerreiros, faziam expedições para guerrear entre si e contra outros povos vizinhos. Com a chegada dos caucheiros peruanos, esses povos tiveram seu primeiro contato com os brancos, o que os obrigou a formarem um só grupo sob a denominação Yaminawa. Mas a convivência

³ Existem outros grupos da família Pano que habitam no Vale do Ucayali, cujos nomes, tipicamente, terminam em *bo* (sufixo plural) que também significa 'povo' (STEWART, 1963, p.556), alguns exemplos: Shipibo-Konibo, Marubo, Korubo.

entre os mesmos se tornou difícil e em alguns momentos impossível, devido às grandes diferenças existentes entre eles.

Com a circulação de ferramentas de metal, surgiram as redes interétnicas de intercâmbio, o que propiciou a disseminação do vírus da varíola, causando epidemias e matando inúmeras pessoas, e, em alguns casos, eliminando povos inteiros. Pressionados por esses acontecimentos, o povo Yaminawa foi empurrado para o Juruá, alguns se engajaram nas atividades de caucheiro, outros, entretanto, migraram para o Moa (não o afluente do Juruá) e para áreas entre os rios Yaco, Purus e Tahuamanu.

Hoje, a população Mastanawa é de aproximadamente 150 pessoas que se encontra distribuída em quatro aldeias: Naranjal, Kataya, Três Bolas e Sinaí. A aldeia Sinaí surgiu de uma recente divisão da aldeia Kataya (MOTA, 2012). Em conversa com algumas pessoas, soubemos que a aldeia de Três Bolas, entre as quatro, é a maior, composta de umas 15 famílias, Kataya (antes da divisão) era composta de oito famílias e Naranjal, a menor delas, por três famílias.



Foto 1: Cacique Xacapa, aldeia Naranjal.

A aldeia Naranjal foi formada pelo cacique Xacapa. Quando este era ainda um rapaz, resolveu conhecer lugares mais distantes, sabia ler e escrever em Espanhol, pois havia frequentado uma escola peruana até o 3º ano primário. Além do desejo de conhecer outros lugares, ele queria também ganhar dinheiro, por isso deixou sua família e aldeia para trabalhar como piloto de barcos para os comerciantes da região. Como pagamento por seu trabalho recebeu uma vaca preta. Assim se estabeleceu no local chamado Naranjal onde desenvolveu uma criação de gado. Então, trouxe seus pais, irmãos e alguns parentes, assim surgiu a aldeia Naranjal (MOTA, 2010).

Os Mastanawa habitam em casas construídas sobre estacas⁴, com piso de madeira e cobertas com folhas de palmeira. Algumas casas não têm paredes externas ou qualquer divisória interna. Ainda assim, é perceptível a separação entre a cozinha, o lugar de dormir e o espaço para receber as pessoas. Outras casas, entretanto, possuem paredes de tábuas, são cobertas com folhas de alumínio, possuem divisão interna que separa a cozinha e sala de visitas dos dormitórios. A área da cozinha é reservada para guardar alimentos ou utensílios como, panelas, pratos, garfos, colheres, copos etc. Dentro de casa, é comum o uso da rede tanto para relaxar e descansar, como para assentar.



Foto 2: Casa na aldeia Naranjal.

⁴ Observações baseadas na aldeia de Naranjal.

Não há eletricidade na comunidade. No período noturno, eles utilizam lamparina a querosene e lanternas. Para dormir, se abrigam dentro de mosquiteiros de rede, isto é devido à grande quantidade de mosquitos que existe na região.

Sua economia depende da agricultura de subsistência, caça e pesca. A base de sua alimentação é a banana, a macaxeira, o milho, a carne de caça. Para caçar utilizam a espingarda. Durante o período que estávamos na comunidade de Naranjal, observamos que a caça estava bem escassa, mas mesmo assim, conseguiam apanhar animais pequenos, como o macaco e algumas aves. A pesca é feita no rio Purus com o uso da rede de pesca. Alguns mantêm a criação de gado, porco, galinha e pato. Entretanto, a carne de gado e de porco são apenas para o comércio, que normalmente é feito na cidade de Santa Rosa do Purus, onde vendem a carne ou, simplesmente, trocam por óleo, sabão, açúcar e outros produtos.

A alimentação é preparada em fogão a lenha, montado do lado de fora da casa. Nas refeições principais comem a macaxeira, o milho e a carne, além do arroz branco, cujo consumo é comum entre eles. A forma de preparo dos alimentos se assemelha à dos “brancos”, a carne é refogada, mas na falta de óleo é cozida em água e sal. O peixe, além de cozido, pode ser assado. Para assar o peixe, eles o envolvem em folhas verdes, amarra para que as folhas não se abram e o coloca em cima de uma grade sobre brasas. A água usada para beber, cozinhar e banhar é retirada de poços rasos, perfurados por eles mesmos. Às vezes, também utilizam a água do rio para o banho.



Foto 3: Mulher preparando alimento, aldeia Naranjal.

No que tange ao vestuário, os Mastanawa se vestem como os habitantes das cidades locais. Quanto ao artesanato, as mulheres gostam de fazer colares e pulseiras de miçangas, tanto para uso próprio, quanto para comercializar.



Foto 4: Mulher Mastanawa, aldeia Naranjal.

O casamento entre os Mastanawa acontece de forma simples, a mulher vai morar na casa dos pais do marido. As famílias atualmente são monogâmicas, mas no passado, como é o costume dos povos panos, os homens podiam ter mais que uma mulher. Diante do contato com outros povos, durante tanto tempo, os casamentos também são interétnicos.



Foto 5: Família Mastanawa.

Com respeito à liderança comunitária, a autoridade máxima em uma aldeia Mastanawa é o cacique, da mesma forma que ocorre em outras comunidades indígenas. A função do cacique é cooperar para a resolução dos problemas dentro da comunidade e cuidar das questões externas. O cacique de Naranjal se chama Xacapa, o de Três Bolas, Wara e o de Kataya, Fustino, mas de Sinaí, não se sabe qual é o cacique atualmente. No que se refere à liderança espiritual, a aldeia de Sinaí é a única que possui um pajé (MOTA, 2012). No passado, algumas aldeias acolheram missionários que trabalharam entre eles por vários anos, mas no período em que estivemos em Naranjal, não havia missionários entre os Mastanawa.

O meio de transporte mais comum entre os Mastanawa é a canoa. O percurso até as cidades mais próximas pode ser feito em aproximadamente três a quatro horas, se a canoa for motorizada. Além das viagens às cidades, o grupo também utiliza a canoa para visitar as outras aldeias, pois possuem uma convivência amistosa com outras comunidades indígenas vizinhas.

Quanto à saúde, os problemas que afetam a população adulta são dores musculares, causadas pelo trabalho pesado. Entre as crianças, a diarreia, que tem levado a óbito pelo menos duas crianças por ano. Uma grande dificuldade que as comunidades enfrentam é ir a um hospital e receber atendimento (MOTA, 2010), pois se não tiverem uma canoa motorizada, a viagem até a cidade mais próxima é muito demorada.

2.2 A família linguística Pano

A família linguística Pano foi denominada como tal em 1888 e recebeu esse nome a partir de um grupo indígena chamado Panobo (já extinto). O nome Panobo é composto por duas palavras *pano + bo*, o termo *bo*, segundo a autora, era usado como marca de plural para as línguas Pano. A palavra Panobo, então, era traduzida como “os Pano” (AGUIAR, p. 47, 206).

Os Pano foram considerados como família linguística, pela primeira vez, por Raoul de la Grasserie (1888), quando este apresentou uma proposta de classificação da família incluindo as seguintes línguas: Pano, Conibo, Pacavara, Caripuna, Culino, Maxuruna, Mayoruna domesticada e Mayoruna selvagem (Shell, 2008, p. 16-19). Após isso, outras

classificações foram propostas, dentre as principais estão a de Rivet (1924), Loukotka (1944), Mason (1963) e McQuown (1955). Não vamos retomar todo esse histórico, porque essas classificações aparecem em quase todas as teses e dissertações que já foram defendidas sobre as línguas Pano. Nosso objetivo aqui é mostrar a classificação da língua Mastanawa dentro da família, para isso, expomos, a seguir, a proposta de classificação interna da família Pano apresentada por Amarante Ribeiro (2006) que, utilizando técnicas da biologia molecular, distribuiu as línguas da família em quatro grupos, tal como transcrito abaixo:

GRUPO I

Amawaka

GRUPO II

Subgrupo II-1

Kashibo

Nokaman

Subgrupo II-2

Shipibo

Kapanawa

Panobo

GRUPO III

Subgrupo III-1

Iskonawa

Kaxinawa

Subgrupo III-2

Subgrupo III-2-1

Nukini

Remo

Subgrupo III-2-2

Subgrupo III-2-2-1

Kanamari

Katukina

Marubo

Subgrupo III-2-2-2

Mastanawa

Tuxinawa

Yoranawa

Sharanawa
 Shanenawa
 Arara
 Yawanawa
 Xitonawa
 Yaminawa

Subgrupo III-2-3
 Kaxarari
 Poyanawa

GRUPO IV

Subgrupo IV-1
 Kapishto
 Matsés
 Kulina
 Matis

Subgrupo IV-2
 Atsawaka
 Arazaire
 Yamiaka

Subgrupo IV-3
 Karipuna
 Chacobo
 Pakawara.

2.3 A língua Mastanawa

Do ponto de vista linguístico, o Mastanawa é classificado como pertencente à família Pano. De acordo com Shell (2008, p.20), o Mastanawa foi incluído na classificação da família Pano, por Zdenek Salzmán (1951, p.259-67), em uma revisão que este fez da classificação de Āestmir Loukotka de 1942, na qual os grupos linguísticos foram divididos segundo sua posição geográfica, em norte, sul e leste. A língua Mastanawa faz parte do grupo do norte.

Existem poucas informações na literatura sobre a língua Mastanawa, estudiosos se limitam a dizer que a mesma se assemelha às línguas Sharanawa e Marinawa, que também são da família Pano. Conforme expõe Shell (2008, p.32), Eugene Scott (PIKE e SCOTT,

1962, p. 1-8), em seu relato sobre 15 grupos indígenas (dentre eles, os Mastanawa) que habitavam nas proximidades do rio Curanja, diz que esses grupos se declaravam como Marinawa quando falavam com os peruanos não indígenas, mas, ainda segundo essa autora, Scott usava o nome Sharanawa para se referir aos vários dialetos que eram falados por eles. Ela reporta: “os dialetos Mastanahua e Chaninahua são inteligíveis entre si, o mesmo que com o Marinawa” (op. cit.).

Ribeiro e Wise (1978, p. 176) classificam a língua Mastanawa como pertencente ao subgrupo do Sharanawa-Marinawa, mas acrescentam que estudos dialetológicos mostram que o Mastanawa é um pouco diferente do Sharanawa. Já Solis (2003, p. 172) afirma que a língua Mastanawa juntamente com as línguas Sharanawa, Chandinawa e Marinawa, além dos grupos Isconawa e Yaminawa formam um grupo homogêneo.

Conforme já foi dito, a língua Mastanawa ainda é muito pouco conhecida na literatura. Até o momento tem-se notícia de apenas dois trabalhos existentes sobre essa língua. Um deles é um material compilado por Loos (1976), que consiste de uma lista de 966 palavras e algumas frases, além de 15 páginas de textos, contendo quatro contos. Esse material é parte de um estudo comparativo entre a língua Mastanawa e demais línguas e dialetos da família Pano.

O outro trabalho trata-se de uma cartilha elaborada pela missionária Graciete Mota, que morou entre o grupo por um período de cinco anos. A cartilha foi elaborada em 2002 e, segundo Andreghetto (2008), foi ensinada nas três aldeias, e a maioria da população Mastanawa sabe ler e escrever em sua própria língua.

No que se refere ao uso da língua pela comunidade, existe certa deficiência, pelo fato da maior parte da população ser bilíngue e utilizar bastante o Espanhol, a segunda língua, na comunicação uns com os outros. Os mais velhos são monolíngues, falam apenas a língua materna, os jovens e as crianças entendem e falam Mastanawa com os pais e os idosos, mas na comunicação entre si, normalmente, usam o Espanhol. Percebe-se que possuem um vocabulário limitado na língua materna, isto comprova a grande influência do Espanhol na comunidade. As crianças em idade escolar frequentam a escola na cidade peruana de Palestina. Quanto à relação com a língua Portuguesa, por estarem localizados próximo à fronteira do Brasil e comercializarem seus produtos em Santa Rosa do Purus, a maioria dos Mastanawa entende bem o Português.

III

DESCRIÇÃO FONÉTICA DOS SEGMENTOS

3.1 Descrição dos segmentos fonéticos

Neste item, temos como objetivo apresentar a descrição dos sons da fala Mastanawa. Essa descrição envolve a atribuição de símbolos fonéticos a cada som, tanto aos sons consonantais como aos vocálicos, para isso, utilizaremos os símbolos do *International Phonetic Alphabet* (IPA). Os sons serão denominados neste trabalho de fones consonantais e fones vocálicos, de acordo com a nomenclatura usada na Fonética⁵.

⁵ A Fonética estuda os sons no que tange à sua produção, distinção e descrição, e tem como unidade mínima o fone (WEISS, op.cit, p.6).

3.1.1 Fones consonantais

O sistema fonético da língua Mastanawa é composto por 24 fones consonantais e 12 fones vocálicos. No quadro seguinte, estão os fones consonantais e a seguir, alguns exemplos:

Quadro 1: fones consonantais

Ponto de articulação / Modo de articulação	Labial	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Oclusiva	p b	t d			c	k	q	ʔ
Africada		ts	tʃ dʒ					
Fricativa	ɸ	s	ʃ	ʂ				h
Nasal	m	n			ɲ	ŋ	ɴ	
Tepe		r						
Aproximante	w ⁶				j	(w)		

3.1.1.1 Oclusivas: [p], [b], [t], [d], [c], [k], [q] e [ʔ].

[p] oclusiva, labial, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ĩ, ɪ, ɪ, ɐ, a, o, u, ũ]:

⁶ A aproximante [w] aparece duas vezes no quadro (uma vez entre parênteses), porque seu ponto de articulação, na realidade, é lábio-velar, ou seja, tanto labial quanto velar. Neste, trabalho esse segmento será denominado de lábio-velar.

(1)

- | | | |
|-----|-----------|---------------|
| (a) | [paʃ'ta] | ‘cachorro’ |
| (b) | [puʃpo'i] | ‘muito’ |
| (c) | [pɪʔɪ'ja] | ‘pássaro’ |
| (d) | [dʒa'pi] | ‘rato’ |
| (e) | ['pəj] | ‘sabido’ |
| (g) | [pũ'ja] | ‘braço’ |
| (h) | [φi'pɪ] | ‘sobrancelha’ |

[b] oclusiva, labial, vozeada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ɪ, a, ə, o, u]:

(2)

- | | | |
|-----|-----------|----------|
| (a) | [ba'po] | ‘cabeça’ |
| (b) | [ta'bo] | ‘face’ |
| (c) | [bɪto'tɪ] | ‘dedo’ |
| (d) | [dʒa'bə] | ‘noite’ |
| (e) | [da'bi] | ‘carne’ |
| (f) | [bu'doj] | ‘dançar’ |

[t] oclusiva, alveolar, desvozeada; ocorre no início e no meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ɪ, ə, a, o, u]:

(3)

- | | | |
|-----|-----------|----------|
| (a) | [ta'wa] | ‘flecha’ |
| (b) | [tsao'ti] | ‘banco’ |

- | | | |
|-----|-----------|-------------------|
| (c) | [idʒa'to] | ‘ovo de piolho’ |
| (d) | [təwə'tɪ] | ‘colar, miçangas’ |
| (e) | [fɪ'ɲa] | ‘quando’ |
| (f) | [ba'ta] | ‘sombra’ |
| (g) | [tu'ɾi] | ‘pedra’ |

[d] oclusiva, alveolar, vozeada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ɪ, ɨ, ə, a, o, u]:

- (4)
- | | | |
|-----|------------|---------------|
| (a) | [idapa'pi] | ‘escorpião’ |
| (b) | [ʃa'do] | ‘cobra’ |
| (c) | [ɨ'də] | ‘água’ |
| (d) | [di'ʃɪ] | ‘corda’ |
| (e) | [di'ʃaj] | ‘atar, ligar’ |
| (f) | [di'dɪ] | ‘puxar’ |
| (g) | [du'a'ɸaj] | ‘apagar’ |

[ç] oclusiva, palatal, desvozeada: ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones [i] e [ɪ]:

- (5)
- | | | |
|-----|-----------|-------------------|
| (a) | [çi'ʃɪ] | ‘coxa’ |
| (b) | [çi'tɪ] | ‘panela de barro’ |
| (c) | [raʃ'cia] | ‘machucar-se’ |
| (d) | [çi'di] | ‘buraco’ |
| (e) | [çi'sɪ] | ‘palmeira’ |

(f) [iʃ'cɪ] 'afiar'

[k] oclusiva, velar, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones [a], [ɪ] e [ə]:

(6)

- (a) [ka'ʃəj] 'burla'
 (b) [kɪʃ'tɪ] 'barba'
 (c) [roka'wã] 'macaco aranha'
 (d) [kadʒaʔa'bis] 'curandeiro'
 (e) [nis'kaj] 'suar'
 (f) [uʃ'kə uʃ'kə aʔ'i] 'arrastar os pés'

[q] oclusiva, uvular, desvozeada; ocorre no início o meio de palavras, precedendo os fones [u] e [o]:

(7)

- (a) [qo'ĩ] 'fumo'
 (b) [qu'ba] 'perdiz'
 (c) [upuʃ'qo] 'tornozelo'
 (d) [qo'to] 'macaco vermelho'
 (e) [qu'ʃi] 'veloz, rápido'
 (f) [u'quj] 'tossir'

[ʔ] oclusiva glotal; ocorre no meio de palavras e entre as vogais, mas não é precedido por vogal nasal. Às vezes é precedido por [j] ou precede [w]:

- (8)
- | | | |
|-----|--------------|-------------|
| (a) | [toʔi'ri] | ‘pedra’ |
| (b) | [baʔ'ə] | ‘piranha’ |
| (c) | [miʔ'ɿ] | ‘mão’ |
| (d) | [təʔəjʔ'i] | ‘enxugar’ |
| (e) | [paʔ'əj] | ‘cair’ |
| (f) | [iʔõĩra'ɸaj] | ‘acreditar’ |
| (g) | [duʔwa'ba] | ‘alcançar’ |

3.1.1.2 Africadas: [ts], [tʃ] e [dʒ].

[ts] africada, alveolar, desvozeada; ocorre no meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ĩ, ə, a, o]:

- (9)
- | | | |
|-----|------------|---------------|
| (a) | [tsəs'tə] | ‘carvão’ |
| (b) | [tsaʔ'ã] | ‘caracol’ |
| (c) | [bi'tsis] | ‘unha da mão’ |
| (d) | [tso] | ‘bicho-de-pé’ |
| (e) | [bɪtsa'ba] | ‘feio’ |
| (f) | [tsĩ'ni] | ‘espremer’ |

[tʃ] africada, pós-alveolar, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, os fones vocálicos [i, a, o, u]:

- (10)
- | | | |
|-----|-----------|--------|
| (a) | [ɸitʃu'i] | ‘onda’ |
|-----|-----------|--------|

- | | | |
|-----|-----------|-----------------------------|
| (b) | [tʃa'tɪ] | ‘pau’ |
| (c) | [pa'tʃo] | ‘orelha’ |
| (d) | [u'tʃi] | ‘irmão mais velho de homem’ |
| (e) | [ɸu'tʃaj] | ‘cabelo comprido’ |

[dʒ] africada, pós-alveolar, vozeada: ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [ɪ, a, o, u]:

- (11)
- | | | |
|-----|--------------|--------------|
| (a) | [pa'dʒu] | ‘raia’ |
| (b) | [dʒa'bə] | ‘noite’ |
| (c) | [kɪdʒo'a] | ‘exterminar’ |
| (d) | [dʒɪrɪ'a] | ‘apertar’ |
| (e) | [dʒubi'tso] | ‘ladrão’ |
| (f) | [kadʒaʔa'ɸi] | ‘direito’ |

3.1.1.3 Fricativas: [ɸ], [s], [ʃ], [ʂ] e [h].

[ɸ] fricativa, labial, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ĩ, ɪ, ə, a, o, u]:

- (12)
- | | | |
|-----|----------|--------------------|
| (a) | [ɸa'ri] | ‘sol’ |
| (b) | [ɸi'tʃo] | ‘garça’ |
| (c) | [ra'ɸə] | ‘dois’ |
| (d) | [sa'ɸi] | ‘mareado, enjoado’ |

- | | | |
|-----|----------|------------|
| (e) | [ϕi'ro] | ‘olho’ |
| (f) | [ϕo] | ‘cabelo’ |
| (g) | [ϕuru'a] | ‘amontoar’ |

[s] fricativa, alveolar, desvozeada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, precede os fones vocálicos [i, ĩ, ɪ, ɨ, a, o, u] e é precedido [i, ə, a]:

(13)

- | | | |
|-----|-----------|----------------|
| (a) | [a'saĩ] | ‘afogar-se’ |
| (b) | [ϕa'si] | ‘erva’ |
| (c) | [i'so] | ‘macaco prego’ |
| (d) | [sɪ'pa] | ‘roçar’ |
| (e) | [u'tsis] | ‘estábulo’ |
| (f) | [tsəs'tə] | ‘carvão’ |
| (g) | [ci'sɪ] | ‘palmeira’ |
| (h) | [ĩn'sĩ] | ‘dor’ |
| (i) | [ta'pas] | ‘estábulo’ |
| (j) | [ϕisu'pa] | ‘preto’ |

[ʃ] fricativa, pós-alveolar, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, precede os fones vocálicos [i, ĩ, ɪ, ə, a, o, u] e é precedido por [i] e [u]:

(14)

- | | | |
|-----|-----------|-------------------|
| (a) | [ʃa'da] | ‘quente’ |
| (b) | [ϕiʃa'ta] | ‘animal selvagem’ |
| (c) | [ʃi'mã] | ‘peixe’ |
| (d) | [ϕiʃ'qoj] | ‘balançar’ |

(e)	[ʃɪ'wa]	‘rede’
(f)	[ma'ʃo]	‘chifre’
(g)	[ɪ'ʃə]	‘semente’
(h)	[uʃi'na]	‘maduro’
(i)	[ʃu'pa]	‘sardinha’

[ʃ] fricativa, retroflexa, desvozeada; ocorre no início e meio de palavras, precede fones vocálicos [i, ɪ, ə, a, o, u] e é precedida por [a, ɪ, o, u], ocorre também no final absoluto de palavras:

(15)

(a)	[ʃa'ʃo]	‘canoa’
(b)	[paʃ'ta]	‘cachorro’
(c)	[u'ʃə]	‘lua’
(d)	[ɪʔɪ'ʃi]	‘costurar’
(e)	[pɪ'ʃə]	‘casa’
(f)	[ʃu'tʃi]	‘peito’
(g)	[ɪʃ'tə]	‘estrela’
(h)	[ʃuʃ'qo]	‘sapo’
(i)	[tətoʃ'po]	‘pomo-de-adão’
(j)	[kaʃɪ'a]	‘brincar’
(k)	[kɪ'rɪʃ]	‘duro’

[h] fricativa, glotal; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fone vocálicos posteriores [u] e [o]:

(16)

- | | | |
|-----|-------------|---------------------------|
| (a) | [huʃpi'a] | ‘cheio’ |
| (b) | [humaʔi'na] | ‘alto’ |
| (c) | [adi'ho] | ‘velho’ |
| (d) | [huʔõ] | ‘cetico (tipo de árvore)’ |

Não encontramos em nossos dados nenhuma palavra em que [h] antecede a vogal anterior [i] ou a vogal central [ɨ], mas não podemos afirmar que tal não ocorre porque nosso *corpus* é limitado. Agora, com relação à ocorrência de [h] antes da vogal central baixa [a], temos apenas uma palavra, esta é [pia'hã] ‘gaivota’. Levantamos a hipótese de que essa palavra seja um empréstimo do Sharanawa, pois a mesma faz parte do vocabulário dessa língua, conforme pode ser comprovado através do Vocabulário Sharanahua – Castellano recompilado por Marie Scott⁷. A autora explicita que entre os Sharanawa que residiam às margens do Purus, a quem o vocabulário se destinava, viviam alguns mastanawas, inclusive, cita a comunidade Mastanawa de Catay no Alto Purus. Segundo nosso colaborador na coleta dos dados, ele próprio residiu nessa comunidade antes de se mudar para a aldeia Naranjal. Diante disso, concluímos que o termo [pia'hã], possivelmente tenha entrado no vocabulário da língua Mastanawa por influência do Sharanawa.

3.1.1.4 Nasais: [m], [n], [ɲ], [ŋ] e [N].

[m] nasal labial; ocorre no início o meio de palavras, precedendo fones vocálicos [ĩ, ɨ, ã, õ] e antecedendo a consoante labial [b]:

(17)

- | | | |
|-----|----------|----------|
| (a) | [mãni'a] | ‘banana’ |
|-----|----------|----------|

⁷ Vocabulario Sharanahua – Castellano, Série Linguística Peruana nº 53, Instituto Linguístico de Verano, Lima – Peru.

(b)	[matso'ĩ]	‘varrer’
(c)	[mɨʔ'ĩ]	‘mão’
(d)	[ʃimano'ã]	‘filhote de peixe’
(e)	[mĩ]	‘você, tu’
(f)	[ʃa'mõ]	‘ferida’
(g)	[awa'mĩ]	‘como?’
(h)	[tsaĩm'bis]	‘matraca’

[n] nasal, alveolar; ocorre no início e meio de palavras, precedendo fones vocálicos [i, ĩ, ɨ, a, o] e as consoantes alveolares [t] e [r], e pós-alveolares [dʒ] e [ʃ]:

(18)

(a)	[na'pə]	‘mosca’
(b)	[tʃa'ni]	‘enganar’
(c)	[isĩ'nĩ iʔ'i]	‘doente’
(d)	[oĩn'ti]	‘coração’
(e)	[ʃimano'ã]	‘filhote de peixe’
(f)	[nɨta'ti]	‘roupa’
(g)	[ũn'ʃi]	‘vermelho’
(h)	[iʔoĩn'ra 'ɸaj]	‘acreditar’

[ɲ] nasal, palatal; ocorre no meio de palavras, precede os fones vocálicos [a, o, u], é precedido pelos fones vocálicos nasalizados [ĩ, ã, ũ]:

(19)

(a)	[humaʔi'ɲa]	‘acima’
(b)	[pũ'ɲa]	‘braço’

- | | | |
|-----|------------|-----------------|
| (c) | [ɲuʂ'to] | ‘torto’ |
| (d) | [mã'ɲo] | ‘liso’ |
| (e) | [rĩ'ɲa] | ‘linha’ |
| (f) | [oʃĩ'ɲa] | ‘maduro’ |
| (g) | [pĩ'ɲaʔ'i] | ‘atirar flecha’ |

[ɲ] nasal, velar; ocorre no meio de palavras, precedendo a aproximante labial [w]:

(20)

- | | | |
|-----|-----------|---------|
| (a) | [tõɲ'wə̃] | ‘remar’ |
|-----|-----------|---------|

[Ń] nasal, uvular; ocorre no meio de palavras, precedendo a uvular [q]:

(21)

- | | | |
|-----|------------|-----------|
| (a) | [iʔõŃ'qõ] | ‘correto’ |
|-----|------------|-----------|

3.1.1.5 Tepe: [r].

[r] tepe, alveolar; ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones vocálicos

[i, ɨ, ə, a, o]:

(22)

- | | | |
|-----|---------------|---------------|
| (a) | [ka'ri] | ‘batata doce’ |
| (b) | [pɨra'to] | ‘prato’ |
| (c) | [paɾotabo'tɨ] | ‘brinco’ |
| (d) | [tsə'rə] | ‘grilo’ |
| (e) | [rɨdʒo'i] | ‘apertar’ |

3.1.1.6 Aproximantes [w] e [j]

[w] aproximante, lábio-velar; ocorre no meio de palavras, precedendo os fones vocálicos [i, ĩ, ə, a, ã] e final absoluto de palavras:

(23)

- | | | |
|-----|--------------|-------------|
| (a) | [ɸa'wa] | ‘papagaio’ |
| (b) | [i'wi] | ‘árvore’ |
| (c) | [ka'tawə] | ‘vai!’ |
| (d) | [awə'da] | ‘ninho’ |
| (e) | [na'wã 'ɸaj] | ‘arco-íris’ |
| (f) | [a'wĩ 'ɸo] | ‘mulher’ |
| (g) | [raw] | ‘veneno’ |

[j] aproximante, palatal; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, precede os fones vocálicos [a, o, u] e é precedido pelos mesmos, e por [ə]:

(24)

- | | | |
|-----|-------------|-----------------|
| (a) | [pɪʔɪja] | ‘pássaro’ |
| (b) | ['baj] | ‘terra, areia’ |
| (c) | ['pəj] | ‘folha’ |
| (d) | [ɸɪrojo'qo] | ‘lontra, irara’ |
| (e) | [ɪaj'bis] | ‘chorão’ |
| (f) | [doʔ'oj] | ‘chegar’ |
| (g) | [u'quj] | ‘tossir’ |

3.1.2 Fones vocálicos

A língua Mastanawa, conforme foi dito, possui 12 fones vocálicos, como mostra o Quadro 2:

Quadro 2: fones vocálicos

	Anterior		Central		Posterior	
Alta	i i ⁸	ĩ	ɪ	ĩ	u	ũ
Média-alta			ə		o	õ
Baixa			a	ã		

[i] vogal anterior, alta, oral, não arredondada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, precede e é precedido por fones consonantais:

(25)

- (a) [i'bi] 'sangue'
- (b) [pani'ra] 'panela'
- (c) [toʔi'ri] 'pedra'
- (d) [pai'tɪ] 'ventilador'
- (e) [ris'ɸi] 'corda'

[ɪ] vogal anterior, quase alta, oral, não arredondada⁹; ocorre no meio e final absoluto de palavras, sempre precedido por fones consonantais:

⁸ Embora os sons [i] e [ɪ] estejam em uma mesma posição no quadro de fones, existe uma pequena diferença entre eles no que se refere à altura, o fone [i] é alto e [ɪ] é quase alto, de acordo com a tabela do IPA. Segundo a teoria de traços, conforme exposto em Hayes (2009, p.81), o que diferencia esses dois fones um do outro é o traço chamado "tenso", [i] é [+tenso] e [ɪ] é [-tenso].

⁹ Weiss (1988, p.31) classifica [ɪ] como vocóide anterior, alto, fechado, não-arredondado, surdo.

(26)

- | | | |
|-----|------------|-------------------|
| (a) | [pitʃa'tɪ] | ‘cozinha’ |
| (b) | [ci'ʃɪ] | ‘estaca’ |
| (c) | [ʔidi'wə] | ‘fique de pé’ |
| (d) | [ritɾaʔ'i] | ‘encostar o bote’ |
| (e) | [ris'ʔɪ] | ‘corda’ |

[ɪ] vogal anterior, alta, nasal, não arredondada: ocorre no início e meio de palavras, precedendo os fones consonantais nasais, e no final absoluto de palavras:

(27)

- | | | |
|-----|-------------|-----------|
| (a) | [oĩn'tɪ] | ‘coração’ |
| (b) | [ka'ĩ] | ‘arara’ |
| (c) | [a'wĩ 'ʔo] | ‘mulher’ |
| (d) | [sa'ʔĩ] | ‘rodar’ |
| (e) | [ĩn'sa] | ‘murici’ |
| (f) | [ʔĩ'na] | ‘quando?’ |
| (g) | [tsaĩm'bis] | ‘matraca’ |

[ɪ] vogal central, alta, oral, não arredondada; ocorre no início e meio de palavras, precede e é precedida por fones consonantais:

(28)

- | | | |
|-----|-------------|-----------|
| (a) | [ɪʃ'tə] | ‘estrela’ |
| (b) | [pɪ'da] | ‘dia’ |
| (c) | [dʒubɪ'tso] | ‘ladrão’ |
| (d) | [ʃɪaba'tɪ] | ‘anzol’ |
| (e) | [nɪta'tɪ] | ‘roupa’ |

(f) [kɨ'tʃo] 'caneca'

[ɨ] vogal central, alta, nasal, não arredondada: ocorre no início e final absoluto de palavras, contíguo ou não a fones consonantais orais:

(29)

(a) [ɨ] 'eu'
 (b) [mɨʔʔɨ] 'mão'
 (c) [awa'mɨ] 'como?'

[ə] vogal central, média-alta, oral, não arredondada; ocorre no meio e final absoluto de palavras, precede a aproximante palatal [j] e é precedida pelos fones consonantais [t], [ts] e [w]:

(30)

(a) [ɨ'də] 'água'
 (b) [tsə'rə] 'grilo'
 (c) [tə'tə] 'gavião'
 (d) [poʔ'əj] 'atravessar o rio nadando'
 (e) [təwə'tɨ] 'colar, miçangas'

[a] vogal central, baixa, oral, não arredondada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, é precedido ou não por fones consonantais:

(31)

(a) [aʃ'ɸa] 'boca'
 (b) [ɸɨma'na] 'frente'
 (c) [ka'ro] 'lenha'

- (d) [taka'ra] 'galinha'
 (e) [a'do] 'paca'

[ã] vogal central, baixa, nasal, não arredondada; ocorre no meio de palavras, precedendo um fone consonantal nasal, e no final de palavras:

(32)

- (a) [mãni'a] 'banana'
 (b) [tʃa?'ã] 'caracol'
 (c) [ʃi'mã] 'peixe'

[u] vogal posterior, alta, oral, arredondada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, precede e é precedido por fones consonantais:

(33)

- (a) [dʒu'a] 'mandioca'
 (b) [pa'dʒu] 'raia'
 (c) [ʔitʃu'i] 'onda'
 (d) [ru'do] 'víbora'
 (e) [kɪdu'ti] 'faca'
 (f) [upuʂ'qo] 'tornozelo'

[ũ] vogal posterior, alta, nasal, arredondada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, sempre contíguo a fones consonantais nasais:

(34)

- (a) [ũn'ʃi] 'vermelho'
 (b) [pũ'ʃa] 'braço'

(c) [nũ] ‘nós’

[o] vogal posterior, média-alta, oral, arredondada; ocorre no início, meio e final absoluto de palavras, é precedida ou não por fones consonantais:

(35)

- | | | |
|-----|-----------|-----------------|
| (a) | [õĩn'ti] | ‘coração’ |
| (b) | [ratoʔ'o] | ‘joelho’ |
| (c) | [pa'tʃo] | ‘orelha’ |
| (d) | [toʔi'ri] | ‘pedra’ |
| (e) | [tʃa'ro] | ‘flor’ |
| (f) | [tsao'ti] | ‘banco’ |
| (g) | [o'do] | ‘porco-do-mato’ |

[õ] vogal posterior, média, nasal, arredondada; ocorre no início e meio de palavras, precedendo a um fone consonantal nasal, e no final de palavras:

(36)

- | | | |
|-----|-----------|---------------------|
| (a) | [õn'ʃi] | ‘vermelho’ |
| (b) | [iʔõN'qõ] | ‘correto’ |
| (c) | [huʔ'õ] | ‘espécie de árvore’ |
| (d) | [ʃina'nõ] | ‘secar (carne)’ |

IV

ANÁLISE FONÊMICA

O objetivo da análise fonêmica é descobrir quais segmentos são fonemas na língua e quais são apenas alofones ou variantes de um mesmo fonema. Para isso, empregamos os princípios de análise fonêmica seguindo a metodologia descrita em Pike (1947) e Burquest (2006). Paralelamente, também foram considerados os aportes teóricos de análise fonológica encontrados em Trubetzkoy (1969) e Hyman (1981).

Os procedimentos para a análise foram os seguintes: primeiramente, fizemos o levantamento dos fones consonantais e fones vocálicos com base nos dados coletados, e os dispusemos em dois quadros, segundo se observa em 3.1; o segundo passo, foi determinar os segmentos foneticamente semelhantes, conforme mostra o quadro 3, e em seguida, listar os pares e conjuntos de sons semelhantes; o terceiro, foi verificar quais pares estão em contraste e quais pares ou conjuntos de sons se encontram em distribuição complementar ou variação livre.

O *contraste* possibilita a identificação dos fonemas na língua, pois os pares de segmentos foneticamente similares que contrastam em ambientes idênticos ou análogos

causam distinção de significado, isto é, quando esses segmentos são substituídos um pelo outro em um mesmo ambiente fonético ou em um ambiente fonético aproximado, o resultado são palavras com significados diferentes.

A *distribuição complementar* se refere a segmentos (dois ou mais) que não ocorrem em um mesmo ambiente, ou seja, sempre se encontram em ambientes mutuamente exclusivos, esses segmentos são considerados alofones de um mesmo fonema.

A *variação livre* diz respeito aos segmentos que ocorrem em um mesmo ambiente, mas não são contrastivos, isto é, quando substituídos um pelo outro, não causam mudança no significado. Esses segmentos são considerados variantes livres ou alofones de um mesmo fonema.

Expomos, a seguir, a análise fonêmica dos segmentos consonantais e vocálicos da língua Mastanawa com base na metodologia acima descrita.

4.1 Segmentos consonantais foneticamente semelhantes

A seguir, apresentamos o quadro fonético com os segmentos consonantais foneticamente semelhantes. Passamos um círculo em volta dos pares e grupos de fones semelhantes para facilitar a listagem dos sons a serem comparados.

Quadro 3: Segmentos consonantais semelhantes

Ponto de articulação \ Modo de articulação	Labial	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
	Oclusiva	p, b	t, d			c, k	q	
Africada		tʃ, dʒ						
Fricativa	ɸ	s	ʃ	ʂ				h
Nasal	m	n, ɳ			ɲ	ŋ	ɴ	
Tepe		r						
Aproximante	w				j			

4.1.1 Lista dos pares de fones consonantais semelhantes

Listamos abaixo os pares de sons que consideramos, seguindo a técnica Pikeana, partilharem características fonéticas (pares suspeitos) e que, eventualmente, poderiam ser alofones de um mesmo fonema:

[p] e [b]	[s] e [ʃ]
[p] e [ɸ]	[n] e [r]
[ɸ] e [h]	[n] e [ɳ]
[b] e [m]	[tʃ] e [k]
[b] e [w]	[tʃ] e [dʒ]
[w] e [k]	[tʃ] e [ʃ]
[m] e [n]	[dʒ] e [j]
[t] e [d]	[ʃ] e [ʂ]

[t] e [ts]	[ʃ] e [h]
[t] e [r]	[ɲ] e [j]
[d] e [n]	[ʔ] e [k]
[d] e [r]	[ʔ] e [h]
[ts] e [tʃ]	
[ts] e [s]	

4.1.2 Lista dos conjuntos de fones consonantais semelhantes

Os seguintes segmentos foram agrupados, da mesma forma que os pares acima, porque por hipótese podem funcionar como alofones múltiplos de um só fonema:

[ç], [k] e [q]
 [m], [n], [ɲ], [ŋ] e [N]

4.2 Fonemas consonantais

4.2.1 Contraste em ambientes idênticos

[p] e [b] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como se vê nos exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /p/ e /b/:

(37)

(a)	/dʒapi/	[dʒa'pi]	‘rato’
-----	---------	----------	--------

	/dʒabi/	[dʒa'bi]	‘machado’
(b)	/tapu/	[ta'po]	‘raiz’
	/tabu/	[ta'bo]	‘face’
(c)	/kupa/	[qu'pa]	‘amigo’
	/kuba/	[qu'ba]	‘perdiz’
(d)	/paɪ /	[pa'ə]	‘aguardente’
	/ baɪ /	[ba'ə]	‘chácara’

[p] e [ɸ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos indica que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /p/ e /ɸ/:

(38)

(a)	/pitʃi/	[pi'tʃi]	‘costas’
	/ɸitʃi/	[ɸi'tʃi]	‘couro’
(b)	/pɪda/	[pɪ'da]	‘dia’
	/ɸɪda/	[ɸɪ'da]	‘novo’
(c)	/pɪai/	[pɪʔ'aj]	‘desatar’
	/ɸɪai/	[ɸɪʔ'aj]	‘forrar’
(d)	/pɪi/	[pɪ'əj]	‘folha’

/ɸi/	[ʰɸej]	‘vento’
------	--------	---------

[t] e [d] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como se vê nos exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /t/ e /d/:

(39)

(a)	/ɸata/	[ɸa'ta]	‘doce’
	/ɸada/	[ɸa'da]	‘plantação’
(b)	/atu/	[a'to]	‘estômago’
	/adu/	[a'do]	‘paca’

[t] e [ts] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos demonstra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /t/ e /ts/:

(40)

(a)	/tu/	[t'o]	‘ovo’
	/tsu/	[t'so]	‘bicho-de-pé’
(b)	/tɪstɪ/	[tɛs'tɛj]	‘cortar o cabelo’
	/tsɪstɪ/	[tsɛs'tɛ]	‘carvão’
(c)	/tɪuti/	[tɛo'tɪ]	‘colar’

/tsauti/	[tsao'tɪ]	‘banco’
----------	-----------	---------

[t] e [r] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos demonstra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /t/ e /r/:

(41)

(a)	/ɸata/	[ɸa'ta]	‘doce’
	/ɸara/	[ɸa'ra]	‘abóbora’
(b)	/kati/	[ka'tɪ]	‘arco’
	/kari/	[ka'ri]	‘batata doce’

[d] e [n] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como se vê nos exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /d/ e /n/:

(42)

(a)	/idai/	[i'daj]	‘subir’
	/inai/	[i'naj]	‘dar’
(b)	/dupɪ/	[do'pə]	‘faca’
	/napɪ/	[na'pə]	‘mosca’

(c)	/ɸadai/	[ɸa'daj]	‘plantar’
	/ɸanaii/	[ɸanajʔ'i]	‘cantar’

[d] e [ɾ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como se vê nos exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /d/ e /ɾ/:

(43)

(a)	/ʃada/	[ʃa'da]	‘quente’
	/ʃara/	[ʃa'ra]	‘bom’
(b)	/ɸada/	[ɸa'da]	‘plantação’
	/ɸara/	[ɸa'ra]	‘abóbora’
(c)	/ɪdɪ/	[ɪ'də]	‘água’
	/ɪrɪ/	[ɪ'rə]	‘fogo’
(d)	/dʒuda/	[dʒu'da]	‘febre’
	/dʒura/	[dʒu'ra]	‘pessoa’

[ts] e [tʃ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /ts/ e /tʃ/:

(44)

(a)	/batsi/	[ba'tsi]	‘frio’
	/batʃi/	[ba'tʃi]	‘montanha’
(b)	/bɪtsaba/	[bɪtsa'ba]	‘feio’
	/bɪtʃada/	[bɪtʃa'da]	‘molhado’

[s] e [ʃ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /s/ e /ʃ/:

(45)

(a)	/kisi/	[ci'sɪ]	‘palmeira’
	/kiʃi/	[ci'ʃɪ]	‘coxa’
(b)	/ɸasi/	[ɸa'si]	‘erva’
	/kaʃi/	[ka'ʃi]	‘morcego’
(c)	/pisi/	[pi'sɪ]	‘podre’
	/diʃi/	[di'ʃɪ]	‘corda’

[tʃ] e [k] contrastam em ambientes idênticos, como se vê nos exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /tʃ/ e /k/:

(46)

(a)	/tʃaru/	[tʃa'ro]	‘flor’
	/karu/	[ka'ro]	‘lenha’
(b)	/tʃati/	[tʃa'ti]	‘pau’
	/kati/	[ka'ti]	‘arco’
(c)	/tʃai/	[tʃaj]	‘longe’
	/kai/	[kaj]	‘descer’

Embora [tʃ] e [k], no sentido estrito, não sejam foneticamente semelhantes, pois o primeiro segmento é uma africada pos-alveolar e o segundo, uma oclusiva velar, foram relacionados porque de acordo com Burquest (2009, p.56-57), os sons que são produzidos com a ponta e o dorso da língua são suscetíveis de se envolverem em processo de alofonia. Segundo o autor, em algumas línguas, a oclusiva velar desvozeada [k] tem a africada pós-alveolar [tʃ] como alofone, pois é afetada ante a proximidade das vogais altas anteriores.

[tʃ] e [dʒ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como mostram os exemplos abaixo. A ocorrência de pares mínimos indica que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /tʃ/ e /dʒ/:

(47)

(a)	/tʃabi/	[tʃa'bi]	‘abacaxi’
	/dʒabi/	[dʒa'bi]	‘machado’

(b)	/patʃu/	[pa'tʃo]	‘orelha’
	/padʒu/	[pa'dʒo]	‘raia’

[tʃ] e [ʃ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /tʃ/ e /ʃ/:

(48)

(a)	/kɪtʃu/	[kɪ'tʃo]	‘caneca’
	/kɪʃu/	[kɪ'ʃo]	‘bodó (tipo de peixe)’
(b)	/patʃu/	[pa'tʃo]	‘orelha’
	/maʃu/	[ma'ʃo]	‘chifre’

[ʃ] e [ʒ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos e análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos e análogos mostra que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /ʃ/ e /ʒ/:

(49)

(a)	/ʃara/	[ʃa'ra]	‘bom’
	/ʒara/	[ʒa'ra]	‘abelha’
(b)	/ʃadu/	[ʃa'do]	‘cobra’
	/ʒadu/	[ʒa'do]	‘avó’

(c)	/kɪʃa/	[kɪ'ʃa]	‘lábio’
	/kɪʃu/	[kɪ'ʃo]	‘bodó (tipo de peixe)’

4.2.2 Contraste em ambientes análogos

[b] e [m] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos como mostram os exemplos abaixo. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado indica que esses dois sons estão em oposição:

(50)

(a)	/bisi/	[bi'si]	‘pamonha recheada’
	/miʃi/	[mi'ʃi]	‘gato’
(b)	/bapu/	[ba'po]	‘cabeça’
	/maʃu/	[ma'ʃo]	‘chifre’
(c)	/taba /	[ta'ba]	‘amendoim’
	/nama/	[na'ma]	‘veloz’

Os exemplos citados confirmam a oposição entre os fones [b] e [m], pois, ambos ocorrem no início de palavra, precedem e seguem as mesmas vogais, observe:

[b]	[m]
# _____ i, a	# _____ i, a
a _____ a	a _____ a

Logo, os segmentos [b] e [m] são considerados como fonemas distintos, ou seja, /b/ e /m/.

[m] e [n] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado mostra que esses dois sons estão em oposição:

(51)

(a)	/nama/	[na'ma]	‘baixo’
	/dʒana/	[dʒa'na]	‘carrapato’
(b)	/ɸɪmana/	[ɸɪma'na]	‘frente’
	/tɪnama/	[tɛna'ma]	‘abaixo’
(c)	/ʃima/	[ʃi'mã]	‘peixe’
	/ʃinai/	[ʃi'naj]	‘lembrar’

Os exemplos citados confirmam a oposição entre os fones [m] e [n], pois, ambos seguem e precedem as mesmas vogais, com exceção do último exemplo, em que [m] precede uma vogal nasalizada, observe:

[m]	[n]
a_____a	a_____a
i_____ã	i_____a

Logo, os segmentos [m] e [n] são considerados como fonemas distintos, ou seja, /m/ e /n/.

[ts] e [s] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado mostra que esses dois sons estão em oposição:

(52)

(a)	/bitsis/	[bi'tsis]	‘unha da mão’
	/bisi/	[bi'si]	‘pamonha recheada’
(b)	/batsi/	[ba'tsi]	‘frio’
	/ɸasi/	[ɸa'si]	‘erva, mato’
(c)	/ubitsai/	[ubi'tsaj]	‘ter tristeza’
	/asain/	[a'saĩ]	‘afogar-se’

Os exemplos citados confirmam a oposição entre os fones [ts] e [s], pois, ambos seguem e precedem as mesmas vogais, observe:

[ts]	[s]
i_____i	i_____i
a_____i	a_____i
i_____a	a_____a

Logo, os segmentos [ts] e [s] são considerados como fonemas distintos, ou seja, /ts/ e /s/.

[n] e [r] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado mostra que esses dois sons estão em oposição:

(53)

(a)	/dʒana/	[dʒa'na]	‘carrapato’
	/ʃara/	[ʃa'ra]	‘bom’
(b)	/ʃimanuan/	[ʃimano'ã]	‘filhote de peixe’
	/ɸauaru/	[ɸawa'ro]	‘sucuri’

Os exemplos citados confirmam a oposição entre os fones [n] e [r], pois, ambos seguem e precedem as mesmas vogais, observe:

[n]	[r]
a _____a	a _____a
a _____o	a _____o

Logo, os segmentos [n] e [r] são considerados como fonemas distintos, ou seja, /n/ e /r/.

[n] e [ɲ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado mostra que esses dois sons estão em oposição:

(54)

(a)	/inai/	[ĩ'naj]	‘presente’
	/iɲa/	[ĩ'ɲa]	‘lago’

(b)	/ʃinai/	[ʃĩ'naj]	‘lembrar’
	/uʃjɲa/	[uʃĩ'ɲa]	‘maduro’

Os exemplos citados confirmam a oposição entre os fones [n] e [ɲ], pois, ambos seguem e precedem as mesmas vogais, observe:

[n]	[ɲ]
ĩ_____a	ĩ_____a

Logo, os segmentos [n] e [ɲ] são considerados como fonemas distintos, ou seja, /n/ e /ɲ/.

4.2.3 Distribuição complementar

[c], [q] e [k] são foneticamente semelhantes. Esses três segmentos se encontram em distribuição complementar, conforme segue:

[c] ocorre antes das vogais anteriores [i, ɪ]:

(55)

(a)	/iʃki/	[iʃ'cɪ]	‘afiar’
(b)	/ɸiʃki ɸiʃki ai/	[ɸiʃ'cɪ ɸiʃ'cɪ aʔ'i]	‘esfregar’
(c)	/kiti/	[ci'tɪ]	‘panela de barro’
(d)	/kisi/	[ci'sɪ]	‘palmeira’

[q] ocorre antes das vogais posteriores [u,o]:

(56)

(a)	/kuʃikai/	[quʃi'kaj]	‘fugir’
(b)	/ɸiʃkui/	[ɸiʃ'qoj]	‘balançar’
(c)	/tukuru/	[toqo'ro]	‘redondo’
(d)	/kuai/	[qu'aj]	‘queimar’

[k] ocorre nos demais ambientes:

(57)

(a)	/uʃkɪ uʃkɪ ii/	[uʃ'kə uʃ'kə i?'i]	‘arrastar os pés’
(b)	/kai/	[kaj]	‘caminhar’
(c)	/kɪbai/	[kɪ'baɪ]	‘responder’
(d)	/takara/	[taka'ra]	‘galinha’

Logo, [c], [k] e [q] são alofones do fonema /k/. A alofonia entre esses segmentos pode ser escrita da seguinte forma:

/k/ → [c] / _____ vogal anterior, alta, ou seja, i, ɪ.

→ [q] / _____ vogal posterior, alta e média-alta, ou seja, u, o.

→ [k] / _____ n. d. a

4.2.4 As nasais [m], [ŋ], [N] e [n].

Durante o levantamento dos segmentos foneticamente semelhantes, destacamos as nasais [m, n, ɲ, ŋ, N] como um conjunto de sons suspeitos. Desse grupo, os segmentos /m/ e /n/ e /ɲ/ já foram postulados como fonemas quando ocorrem em posição inicial de sílaba (= ataque)¹⁰. Entretanto, os segmentos /m/ e /n/ perdem o contraste quando ocorrem em posição final de sílaba (= coda). Observa-se, inicialmente, que a nasal bilabial /m/ ocorre quando é seguida por uma consoante bilabial e resulta numa nasal alveolar /n/ quando precede consoantes não labiais. Assim, notamos que ocorre simultaneamente a perda de contraste dos fonemas /m/ e /n/ por um lado, e por outro, a assimilação dos pontos de articulação das consoantes que lhes seguem. Além disso, verifica-se a ocorrência da nasal velar [ŋ] precedendo a aproximante lábio-velar [w] e da uvular [N] precedendo a oclusiva uvular [q], conforme mostram os exemplos abaixo:

[m] ocorre antes da bilabial [b]:

(58)

(a) /tsainbis/ [tsãĩm'bis] ‘matraca’

[ŋ] ocorre antes da aproximante lábio-velar [w]:

(59)

(a) /tunuĩn/ [tõŋ'wõĩ] ‘remar’

¹⁰ Conforme pode ser verificado nos itens 4.2.1 (6) e 4.2.2 (1), (2), (4) e (5).

[N] ocorre antes da oclusiva uvular [q]:

(60)

(a) /iunkuin/ [iʔõN'qõj] 'correto'

[n] ocorre antes das demais consoantes:

(61)

(a) /iuinra φai/ [iʔõin'ra 'φaj] 'acreditar'

(b) /unʃi/ [ũn'ʃi] 'vermelho'

(c) /uinti/ [õin'ti] 'coração'

(d) /insin/ [ĩn'sĩ] 'dor'

Embora os dados do Mastanawa sejam muito limitados para uma generalização, poderíamos assumir que as consoantes nasais em posição final de sílaba perdem seu contraste fonológico, não sendo especificadas para ponto de articulação na fonologia da língua. Esse processo é conhecido como Neutralização, como define Trubetzkoy (1992, p. 209-15). Para os objetivos desse trabalho, assumiremos que em posição final de sílaba, no meio de palavra, está presente uma consoante nasal não especificada para ponto de articulação. Essa nasal não especificada para ponto, na fonética da língua, se manifesta de acordo com as características articulatorias da consoante seguinte. Sendo assim, teríamos:

/n/ → [m] / _____ oclusiva bilabial [b]

→ [ŋ] / _____ aproximante lábio-velar [w]

→ [N] / _____ oclusiva uvular [q]

→ [n] / _____ n.d.a.

Por outro lado, observando os dados de Loos (1976), vemos que não ocorrem consoantes nasais em posição final de sílaba, mas sim, uma vogal nasal seguida de uma consoante. Como hipótese, se poderia assumir que, nessa posição, nos dados atuais do Mastanawa, surge um segmento nasal de transição entre uma vogal com nasalidade e uma consoante em posição inicial de sílaba. Esse segmento que surge se manifesta foneticamente de acordo com o ponto de articulação da consoante seguinte. De fato, essa segunda hipótese fica descartada, pois não há elementos, ou seja, faltam dados para assumir a existência de vogais inerentemente nasais nessa língua. Sendo assim, a hipótese de neutralização das consoantes em posição final de sílaba é a mais adequada.

4.2.5 Variação livre

[ϕ] e [h] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos se encontram em variação livre quando precedem vogal posterior, conforme mostram os exemplos:

(62)

- | | | | | | |
|-----|-------------------------|---------------------------|---|--------------------|---------|
| (a) | / ϕ umai η a/ | [ϕ uma η i'na] | ~ | [huma η i'na] | ‘alto’ |
| (b) | / ϕ uspia/ | [ϕ uspi'a] | ~ | [huspi'a] | ‘cheio’ |

Ainda que nestes exemplos a variação esteja ocorrendo apenas no início de palavras, precedendo a vogal posterior alta [u], e nos dados constem que [h] ocorre também no meio de palavras, antecedendo a vogal posterior média-alta [o], podemos inferir que a variação entre [ϕ] e [h] também se dê quando os mesmos precedem [o]. Isto porque, quando comparamos as palavras [di' ϕ o] ‘aranha’ e [ϕ o] ‘cabelo’ com os dados de Loos (op.cit), verificamos que as mesmas foram transcritas como [di:h^wo] e [h^wo:] ou [ho] respectivamente.

Ademais, a variação entre esses dois fones também pode ser confirmada através da comparação com o Sharanawa, pois observamos que algumas palavras que em Mastanawa transcrevemos foneticamente com [ɸ] ou [h], em Sharanawa, as palavras correspondentes foram grafadas com <f>, numa demonstração de que esses dois sons podem estar relacionados. A seguir apresentamos alguns exemplos, neste caso priorizamos as palavras em que [ɸ] e [h] precedem as vogais posteriores:

(63)

Mastanawa	Sharanawa	
[ɸuru'a]	<foro huai>	‘amontoar’
[huspi'a]	<fospia>	‘cheio’
[ɸoisi'ti]	<fuisiti>	‘espelho’
[adi'ho]	<anifo>	‘ancião’

Assim, [ɸ] e [h] são alofones de /ɸ/.

[dʒ] e [j] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos se encontram em variação livre quando precedem [a], conforme mostram os exemplos seguintes:

(64)

(a)	/pidʒa/	[pi'dʒa]	~	[pi'ja]	‘sobrinho, sobrinha’
(b)	/dudʒai/	[du'dʒaj]	~	[du'jaj]	‘voar’
(c)	/kɪdʒa/	[kɪ'dʒa]	~	[kɪ'ja]	‘alto’
(d)	/ʃubadʒa/	[ʃuba'dʒa]	~	[ʃuba'ja]	‘senhorita’

Logo, [dʒ] e [j] são alofones de /dʒ/.

Assim, concluímos a análise fonêmica dos segmentos consonantais do Mastanawa. No quadro seguinte, estão dispostos os 16 fonemas consonantais que foram identificados através da análise.

Quadro 4: Fonemas consonantais

Ponto de articulação \ Modo de articulação	Labial	Alveolar	Pós-Alveolar	Retro-flexo	Palatal	Velar
Oclusiva	p b	t d				k
Africada		ts	tʃ dʒ			
Fricativa	ɸ	s	ʃ	ʂ		
Nasal	m	n			ɲ	
Tepe		r				

4.3 Segmentos vocálicos foneticamente semelhantes

A seguir apresentamos o quadro fonético com os segmentos vocálicos foneticamente semelhantes. Passamos um círculo em volta dos pares e grupos de fones semelhantes para facilitar a listagem dos sons a serem comparados.

Quadro 5: fones vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i i ¹¹	ɨ ɨ	u ũ
Média-alta		ə	o õ
Baixa		a ã	

4.3.1 Lista dos pares de fones vocálicos semelhantes

Listamos abaixo os pares de sons que consideramos, seguindo a técnica Pikeana, partilharem características fonéticas (pares suspeitos) e que, eventualmente, poderiam ser alofones de um mesmo fonema:

[i] e [ɨ]	[ə] e [a]
[i] e [ɪ]	[a] e [o]
[i] e [ĩ]	[a] e [ã]
[ɨ] e [ĩ]	[u] e [ũ]
[ɨ] e [u]	[o] e [u]
[ɨ] e [ə]	[o] e [õ]
[ə] e [o]	

¹¹ Embora os sons [i] e [ɪ] estejam em uma mesma posição no quadro de fones, existe uma pequena diferença entre eles no que se refere à altura, o fone [i] é alto e [ɪ] é quase alto, de acordo com a tabela do IPA. Segundo a teoria de traços, conforme exposto em Hayes (2009, p.81), o que diferencia esses dois fones um do outro é o traço chamado “tenso”, [i] é [+tenso] e [ɪ] é [-tenso].

4.4 Fonemas vocálicos

4.4.1 Contraste em ambientes idênticos

[i] e [ɨ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes idênticos, como mostram os exemplos abaixo relacionados. A ocorrência de pares mínimos indica que esses dois sons estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /i/ e /ɨ/:

(65)

(a)	/bitʃa/	[bi'tʃa]	‘barro, argila’
	/bɨtʃa/	[bɨ'tʃa]	‘lodo’
(b)	/ʔida/	[ʔi'da]	‘vespa’
	/ʔɨda/	[ʔɨ'da]	‘novo’

4.4.2 Contraste em ambientes análogos

[a] e [o] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos como mostram os exemplos abaixo. A ocorrência deles em um ambiente fonético aproximado indica que os mesmos estão em oposição, por isso são considerados como fonemas distintos, ou seja, /a/ e /o/:

(66)

(a)	/panira/	[pani'ra]	‘panela’
	/paritu/	[pari'to]	‘fósforo’

(b)	/nɪtati/	[nɪta'tɪ]	‘roupa’
	/bɪtuti/	[bɪto'tɪ]	‘dedo’
(c)	/ɸɪmana/	[ɸɪma'na]	‘frente’
	/ɸauaru/	[ɸawa'ro]	‘sucuri’

4.4.3 Distribuição Complementar

[ɪ] e [ə] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos se encontram em distribuição complementar, conforme segue:

[ə] é precedida por [t], [ts] e [w] em meio de palavra, precede [j] e ocorre também no final absoluto de palavra, sendo precedido nesta posição por qualquer consoante:

(67)

(a)	/tɪuɪti/	[təwə'tɪ]	‘colar’
(b)	/tɪdɪi/	[tə'dəj]	‘deitar-se’
(c)	/tsɪstɪ/	[tsəs'tə]	‘carvão’
(d)	/puɸɪ/	[po'ɸə]	‘parede’

[ɪ] ocorre nos demais ambientes:

(68)

(a)	/dʒubɪʂta/	[dʒubɪʂ'ta]	‘bebê’
(b)	/rɪrai/	[rɪ'raj]	‘derrubar’
(c)	/ɪʂi/	[ɪʂ'i]	‘costurar’

- | | | | | |
|-----|---------------|---------------|--|----------|
| (d) | /pidɨʃɨbɨ'tɨ/ | [pidɨʃɨbɨ'tɨ] | | 'saia' |
| (e) | /nɨaii/ | [nɨajʔ'i] | | 'roncar' |

Sendo assim, [ɨ] e [ə] são alofones do fonema /ɨ/. A alofonia entre esses segmentos pode ser escrita da seguinte forma:

- /ɨ/ → [ə] / _____ quando segue [t], [ts] e [w] em meio de palavra, quando precede [j], e no final absoluto de palavras:
- [ɨ] / _____ n. d. a

4.4.4 Variação livre

[i] e [ɪ] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos se encontram em variação livre:

(69)

- | | | | | | |
|-----|----------|-----------|---|-----------|--------------------|
| (a) | /tsauti/ | [tsao'ti] | ~ | [tsao'tɪ] | 'banco' |
| (b) | /risɸi/ | [ris'ɸi] | ~ | [ris'ɸɪ] | 'corda' |
| (c) | /bisi/ | [bi'si] | ~ | [bi'sɪ] | 'pamonha recheada' |
| (d) | /kati/ | [ka'ti] | ~ | [ka'tɪ] | 'arco' |

Assim, o [i] e [ɪ] são alofones do fonema /i/.

[o] e [u] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos se encontram em variação livre:

(70)

(a)	/kuʃi/	[qoʃi]	~	[quʃi]	‘veloz’
(b)	/tuiri/	[toʔiʀi]	~	[tuʔiʀi]	‘pedra’
(c)	/kɪduti/	[kɪdoʔtɪ]	~	[kɪduʔtɪ]	‘faca’
(d)	/puin/	[poʔɪ]	~	[puʔɪ]	‘cavar’

Assim, o [o] e [u] são alofones do fonema /o/.

Em nossa análise, optamos por considerar o segmento /u/ como o fonema, levando em conta a simetria do sistema fonológico do Mastanawa, mesmo que nos dados o segmento [o] ocorra 20 vezes a mais. Ao considerar o segmento /u/ como fonema, conseguimos estabelecer um quadro fonológico com três vogais altas.

Outro fator que contribuiu para a escolha do segmento /u/ como fonema é a hipótese de que esteja ocorrendo uma mudança na língua, isto porque, quando observamos os dados de Loos (op.cit.) que foram coletados há mais de 30 anos, verificamos que não existe o fone [u], mas apenas o [o]. Logo, pensamos na possibilidade de que, a despeito dos segmentos [o] e [u] se encontrarem em variação livre, o [o] esteja, gradualmente, sendo trocado por [u].

Observando os estudos sobre as línguas da família Pano, verificamos que a variação livre entre [u] e [o] é um fenômeno comum nas línguas da família, conforme expõem Amarante Ribeiro e Cândido (s/d, p. 29-37). Por exemplo, no Amahuaca, Chácobo, Katukina, Shanenawa, Sharanahua e Yawanawa, esses dois sons flutuam livremente, condicionados ou não pelo ambiente, e o fonema é /u/. Em outras línguas, como Yaminawa e Shipibo-Konibo a alofonia se dá entre [u], [ʊ] e [o], e o fonema é /o/. Ao que parece, a dificuldade na definição do fonema é algo que acontece em outras línguas Pano.

Assim, concluímos a análise fonêmica dos segmentos vocálicos do Mastanawa. Apresentamos, a seguir, um quadro onde se encontram dispostos os quatro fonemas vocálicos que foram identificados através da análise.

Quadro 4: fonemas vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɪ	u
Baixa		a	

4.4.5 Nasalidade

Neste ponto, nosso objetivo é discorrer sobre a questão da existência ou não de vogais inerentemente nasais na língua Mastanawa, ou se as mesmas se referem a vogais que foram nasalizadas por influência do seu ambiente de ocorrência.

Em nosso *corpus* encontramos dados muito restritos em que ocorrem vogais com nasalidade, como se vê a seguir:

(71)

- | | | |
|-----|---------------------|-----------------|
| (a) | [ɪ] | ‘formiga’ |
| | [ĩ] | ‘eu’ |
| (b) | [φu ^h ĩ] | ‘pica-pau’ |
| | [mɪ ^h ĩ] | ‘mão’ |
| (c) | [qu ^h ĩ] | ‘veloz, rápido’ |
| | [ũn ^h ĩ] | ‘vermelho’ |

(d)	[ru'do]	‘víbora’
	[rũno'a]	‘jiboia’
(e)	[na'ma]	‘veloz’
	[a'mã]	‘capivara’
(f)	[ma'ʃo]	‘chifre’
	[mã'ɲo]	‘liso’
(g)	[ʃi'ba]	‘macana (tipo de peixe)’
	[ʃi'mã]	‘peixe’

Por esses dados, poderíamos, inicialmente, assumir que há vogais nasais opostas às suas contrapartes orais, como mostram os pares: /ɪ/ vs. /ĩ/, /u/ vs. /ũ/, e /a/ vs. /ã/. Contudo, esses dados são insuficientes para se chegar a uma conclusão definitiva. Talvez a nasalização de vogais no Mastanawa seja o resultado da perda de uma consoante nasal, pois segundo o trabalho comparativo de Shell (2008, p.81-82, 140), o processo de nasalização das vogais orais nas línguas Pano, sobretudo em final absoluto de palavras, se deu devido a uma redução pela perda da vogal oral final que seguia as consoantes nasais *m* e *n*, e estas, por sua vez, se assimilaram às vogais precedentes, resultando em vogais nasalizadas. Um exemplo disso é a palavra *ʔamĩno* (PR)¹²: em Shipibo-Conibo *ʔamĩ*; Capanahua *ʔamĩn*; Cashibo *ʔamĩ*; Cashinahua *amĩ*; Amahuaca *amĩ*; Marinahua *ámĩ*; Chácobo *ʔamĩno* ‘capivara’. A autora observou a mesma ocorrência em posição medial de palavras, exemplo: *kan[o/a]ti* (PR); em Shipibo-Conibo *kanóti*; Cashibo *kāti*; Cashinahua *kanũ*; Amahuaca *piyakāti*; Marinahua *kátí* (*pía kati*); Chácobo *kanatí*; Capanahua *piʔa* ‘arco’.

¹² (PR) é a abreviatura para Pano Reconstruído.

Diante disso, estamos considerando que as vogais nasalizadas no Mastanawa são resultado do espriamento do traço nasal de uma consoante nasal adjacente a elas. No caso das vogais nasalizadas que ocorrem em final absoluto de palavra, que assimilaram a nasalidade de uma consoante que não está especificada devido ao processo de redução, tais vogais serão representadas no nível fonológico da seguinte forma:

(72)

(a)	/kain/	[ka ^h i]	‘arara’
(b)	/ʃimanuan/	[ʃimano ^h ã]	‘filhote de peixe’
(c)	/ɸuun/	[hu ^h ?õ]	‘cetico (tipo de árvore)’
(d)	/auin/	[a ^h wĩ]	‘esposa’

4.5 Problemas de Análise

Este item objetiva apresentar alguns problemas que encontramos no decorrer da análise fonêmica. Entendemos que a solução desses problemas ficará a cargo de estudos futuros. No momento, queremos apenas expor os pontos duvidosos e as razões que nos levaram a tomar determinadas decisões:

1. Comparação entre [ʃ] e [h]:

As fricativas [ʃ] e [h] são foneticamente semelhantes. Esses segmentos contrastam em ambientes análogos, como se vê no seguinte exemplo:

(73)

(a)	/kɪʃu/	[kɪ ^h ʃo]	‘peixe’
-----	--------	----------------------	---------

/adiϕu/ [adi'ho] ‘velho’

Buscamos comparar as fricativas [ʂ] e [h], porque de acordo com Burquest (2009, p. 59), a fricativa glotal [h] pode ter propriedades acústicas similares a outras fricativas. Contudo, ainda que esses segmentos contrastem em ambientes análogos, como mostra o exemplo anterior, parece-nos que a fricativa glotal [h] não é um fonema na língua, pois, nos nossos dados, encontramos esse segmento em variação livre com a fricativa labial [ϕ] no início absoluto de palavra, quando a mesma precede a vogal posterior [u], conforme expomos no item 4.2.5 (1). Sendo assim, pensamos na possibilidade dessa variação se dar também no meio de palavra, quando os mesmos precedem a vogal posterior [o]. O exemplo dado, [adi'ho] ‘velho’, é a única palavra em que a fricativa glotal [h] ocorre no meio de palavra precedendo a vogal posterior [o]. No item acima citado, 4.2.5 (1), apresentamos alguns argumentos que nos levam a crer que o segmento [h] alterna livremente com [ϕ] também no meio de palavra, quando precedem a vogal [o], conforme pode ser verificado.

2. A oclusiva glotal [ʔ]

Em nossos dados, encontramos também a oclusiva glotal [ʔ]. Sua ocorrência parece ser previsível, pois ela ocorre apenas no meio de palavra e entre fones vocálicos; é precedida pela aproximante palatal [j], mas não por fones vocálicos nasais; também precede a aproximante labial [w]. Considerando esses fatos, parece que a oclusiva glotal [ʔ] serve apenas como um recurso para evitar encontros vocálicos. Observe alguns exemplos:

(74)

(a)	/raai/	[raʔ'aj]	‘deitar de costas’
(b)	/ʃaaii/	[ʃaʔajʔ'i]	‘respirar, suspirar’
(c)	/puui /	[poʔ'əj]	‘atravessar’
(d)	/duuaba/	[duʔwa'ba]	‘alcançar’

(e)	/ɨʂi/	[ɨʔi'ʂi]	‘costurar
(f)	/ʂua ʂuai ii/	[ʂu'a ʂu'aj iʔ'i] ¹³	‘coceira, comichão’
(g)	/humaija/	[humaʔi'ja]	‘alto’

Entretanto, na comparação entre a oclusiva glotal [ʔ] com a oclusiva velar [k], segmentos considerados foneticamente semelhantes, encontramos dois exemplos em que os mesmos contrastam em ambientes análogos, o que levanta a hipótese da glotal [ʔ] ser um fonema na língua, observe:

(75)

(a)	/tʂaada/	[tʂaʔa'da]	‘azarado’
	/takara/	[taka'ra]	‘galinha’
(b)	/pɨia/	[pɨʔi'ja]	‘pássaro’
	/kɨia/	[kɨ'ja]	‘alto’

Segundo Burquest (2009, p. 59), a oclusiva glotal também deve ser comparada com as outras oclusivas surdas, ou seja, [p] e [t], bem como, com a fricativa glotal [h]. Conforme expõe o autor, essas comparações se fazem necessárias mais por causa das semelhanças acústicas que existem entre esses segmentos do que pelas semelhanças articulatórias. Como resultado dessas comparações, encontramos um exemplo para cada um dos seguintes pares de segmentos: [ʔ] e [p]; [ʔ] e [t], mostrando que os mesmos contrastam em ambientes análogos, veja:

¹³ Esse exemplo é composto por três palavras que estão separadas por espaço.

(76)

(a)	/tʃaati/	[tʃaʔa'tɪ]	‘cacete’
	/nɪtati/	[nɪta'tɪ]	‘roupa’
(b)	/ɬɪʃi/	[ɬɪʃi]	‘costurar’
	/pɪʃɪ /	[pɪʃɪ]	‘casa’

Contudo, em nossa análise, optamos por considerar a oclusiva glotal [ʔ] apenas como um recurso para evitar encontros vocálicos, conforme foi dito acima, isto porque, ainda que esse segmento contraste em ambientes análogos com [p], [t] e [k], suspeitamos de seu estatuto como fonema, pelas razões seguintes: observamos que existe certa previsibilidade em sua ocorrência, isto é, quando esse segmento ocorre entre vogais idênticas, evitando a junção das mesmas; além disso, a glotal [ʔ] também contrasta em ambientes análogos com quase todos os segmentos consonantais. E apesar de, às vezes, a mesma parecer um fonema em posição de coda, como na palavra [raʔaj] ‘deitar de costas’, questionamos se esse segmento realmente é um fonema, isto porque, todas as consoantes permitidas em coda, ocorrem nesta posição, tanto no meio quando em final absoluto de palavra, a oclusiva glotal, entretanto, ocorre apenas no meio de palavra.

Diante dos dados existentes e a ocorrência da oclusiva glotal [ʔ] entre fones vocálicos. Também o fato da mesma ser precedida pela aproximante palatal [j] e preceder a aproximante lábio-velar [w], segmentos que, conforme discussão em 5.2, funcionam como vogais na língua, é que estamos considerando a oclusiva glotal [ʔ], como um recurso para evitar encontros vocálicos.

No que se refere ao par suspeito [ʔ] e [h] não encontramos, em nossos dados, nenhum exemplo que mostre esses segmentos em contraste ou distribuição complementar.

3. Os pares suspeitos [ɪ] e [u], [ə] e [o], [ə] e [a].

Na análise fonêmica dos segmentos vocálicos, interpretamos os segmentos [ə] e [u] como alofones dos fonemas /ɪ/ e /o/ respectivamente (cf. p. 64-6). No entanto, na comparação entre os pares suspeitos [ɪ] e [u], [ə] e [o], [ə] e [a] encontramos alguns dados que mostram esses segmentos em contraste, conforme se vê:

[ɪ] e [u] contrastam em ambientes análogos:

(77)

(a)	/kɪʃu/	[kɪ'ʃo]	‘bodó (tipo de peixe)’
	/kɪʃu/	[qu'ʃa]	‘cedro’
(b)	/ɸɪdɪ /	[ɸɪ'də]	‘esposo’
	/ɸuda/	[ɸu'da]	‘mel’

[ə] e [o] contrastam em ambientes análogos:

(78)

(a)	/ɪʃtɪ/	[ɪʃ'tə]	‘estrela’
	/ɪʃtu/	[ɪʃ'to]	‘irmão mais novo do homem’
(b)	/ɪdɪ/	[ɪ'də]	‘água’
	/adu/	[a'do]	‘paca’

[ə] e [a] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(79)

(a)	/ɪpɪ/	[ɪ'pə]	‘yarina (tipo de palmeira)’
	/ɪpa/	[ɪ'pa]	‘papai’
(b)	/ɪdɪ/	[ɪ'də]	‘água’
	/ada/	[a'da]	‘língua’

Em nossa análise, a partir dos dados, decidimos considerar os segmentos [ə] e [u] como alofones de [ɪ] e [o], respectivamente, porque observando a ocorrência desses segmentos, parece que os mesmos são alofones. As vogais centrais [ɪ] e [ə], não ocorrem no mesmo ambiente, por isso interpretamos essas vogais como estando em distribuição complementar. No que se refere às vogais posteriores [u] e [o], apresentamos alguns exemplos (cf. p. 79) em que as mesmas alternam livremente, por isso foram interpretadas como estando em variação livre.

V

A ESTRUTURA SILÁBICA

Na língua Mastanawa foram encontrados os seguintes tipos de sílabas fonológicas: V, VC, CV e CVC que podem ser resumidos na forma (C) V (C). Todos esses tipos silábicos ocorrem tanto na posição pré-tônica quanto na tônica, sendo que o tipo CV é mais recorrente, como mostram os seguintes exemplos:

(80)

V

(a)	/u.i/	‘chuva’	V.V
(b)	/ɬ /	‘formiga’	V
(c)	/tʃa.u.ti/	‘banco’	CV.V.CV
(d)	/ʃɬ.a.ba.ti/	‘anzol’	CV.V.CV.CV

(e)	/ku.in/	‘fumaça’	CV.V
(f)	/dʒu.a/	‘mandioca’	CV.V
(g)	/t̃.f̃i/	‘semente’	V.CV

VC

(a)	/u.in.ti/	‘coração’	V.VC.CV
(b)	/iʃ.pi/	‘coruja’	VC.CV
(c)	/un.ʃi/	‘vermelho’	VC.CV
(d)	/aʃ.ɸa/	‘boca’	VC.CV
(e)	/ra.is/	‘sogro’	CV.VC
(f)	/t̃ʃ.t̃i/	‘estrela’	VC.CV

CV

(a)	/p̃i.da/	‘dia’	CV.CV
(b)	/puʃ.pu.i/	‘espuma’	CVC.CV.V
(c)	/dʒu.b̃i.tsu/	‘ladrão’	CV.CV.CV
(d)	/i.t̃ʃi.ɸi/	‘zapote (tipo de fruta)’	V.CV.CV
(e)	/pa.ru.ta.bu.ti/	‘brinco’	CV.CV.CV.CV.CV
(f)	/tu/	‘ovo’	CV

CVC

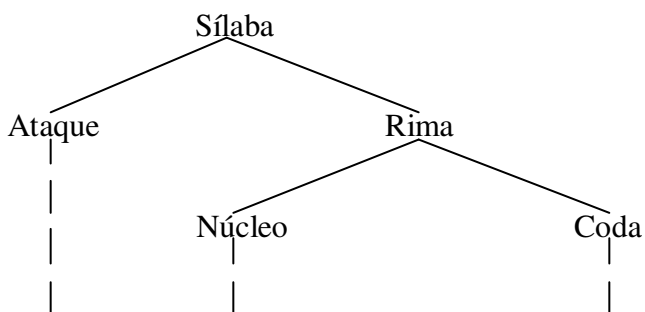
(a)	/ɸi.ɸi.ku/	‘sapo’	CVC.CV
(b)	/ɸi.taɸ/	‘canela da perna’	CV.CVC
(c)	/ɾis.ɸi/	‘corda’	CVC.CV
(d)	/bi.tsis/	‘unha’	CV.CVC
(e)	/u.puɸ.ku/	‘tornozelo’	V.CVC.CV
(f)	/tiɸ.pi/	‘laringe’	CVC.CV
(g)	/kaɸ.ta/	‘tatu’	CVC.CV
(h)	/dʒu.biɸ.ta/	‘bebê’	CV.CVC.CV

Os exemplos acima citados mostram que na língua Mastanawa há sílabas compostas por *Núcleo* (V), por *Núcleo* e *Coda* (VC), por *Ataque* e *Núcleo* (CV) e, ainda por *Ataque*, *Núcleo* e *Coda* (CVC).

5.1 A constituição interna dos tipos silábicos

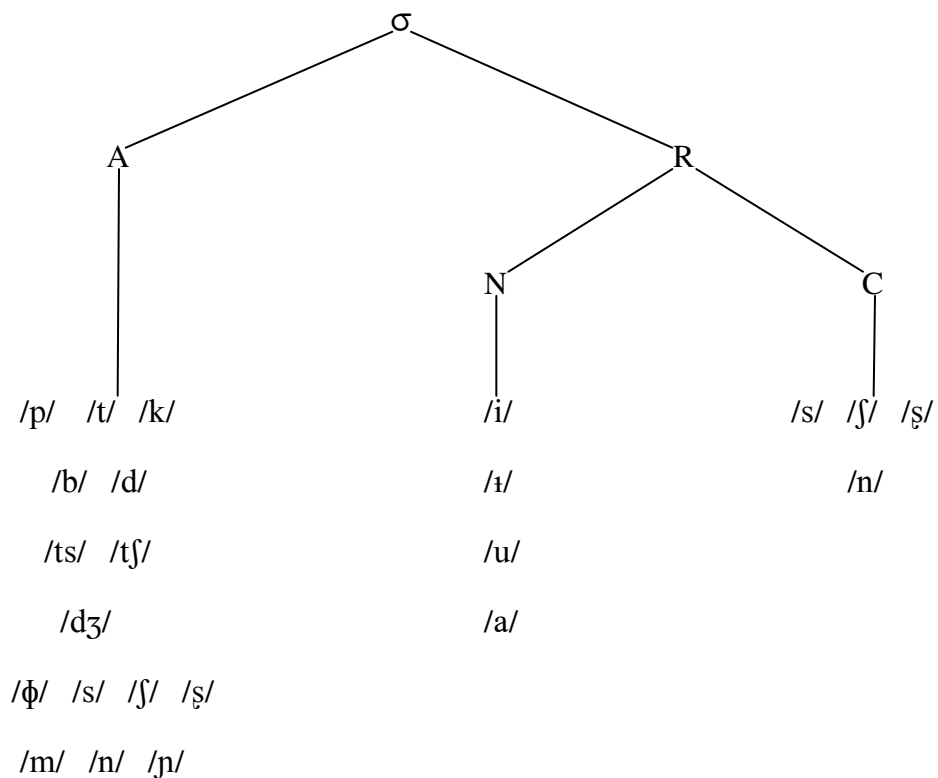
Para a representação interna dos tipos silábicos, consideramos a estrutura da sílaba organizada em constituinte *Ataque* e *Rima*, sendo que esta última se subdivide em *Núcleo* e *Coda*, como se vê a seguir:

(81)



Nessa estrutura, a posição nuclear pode ser realizada por qualquer uma das vogais, a posição de Ataque por todas as consoantes e a Coda apenas pelas fricativas /s/, /ʃ/ e /ç/ e a nasal /n/. O molde a seguir mostra a posição que cada segmento pode ocupar na sílaba:

(82)



A seguir apresentamos exemplos dos segmentos de acordo com a posição que ocupam na sílaba.

5.1.1 Consoantes em posição de Ataque

Na posição de Ataque ocorrem todas as consoantes, como mostram os exemplos seguintes:

(83)

/p/

- | | | |
|-----|--------|----------|
| (a) | /pɪda/ | ‘dia’ |
| (b) | /bapu/ | ‘cabeça’ |
| (c) | /ɪpa/ | ‘pai’ |

/t/

- | | | |
|-----|----------|----------|
| (a) | /taua/ | ‘flecha’ |
| (b) | /nɪtati/ | ‘roupa’ |
| (c) | /tɪtɪ/ | ‘gavião’ |

/k/

- | | | |
|-----|----------|-------------|
| (a) | /kapa/ | ‘esquilo’ |
| (b) | /upuʂku/ | ‘tornozelo’ |

(c) /kɪʂu/ ‘bodó (tipo de peixe)’

/b/

(a) /bɪtuti/ ‘dedo’

(b) /dʒabɪ/ ‘noite’

(c) /batsi/ ‘frio’

/d/

(a) /dabi/ ‘carne’

(b) /ʃada/ ‘quente’

(c) /radi/ ‘pelos do corpo’

/ts/

(a) /tsɪstɪ/ ‘carvão’

(b) /dʒubɪtsu/ ‘ladrão’

(c) /tsauti/ ‘banco’

/tʃ/

(a) /tʃata/ ‘avô materno’

(b) /ʔitʃi/ ‘couro’

(c) /bɪtʃui/ ‘saliva’

/dʒ/

(a) /dʒua/ ‘mandioca’

(b) /dʒata/ ‘tarde’

(c) /dudʒai/ ‘voar’

/ɸ/

(a) /ɸaɪ/ ‘menino’

(b) /itʃiɸi/ ‘zapote (tipo de fruta)’

(c) /ɸɪdɪ/ ‘esposo’

/s/

(a) /ɸa'si/ ‘erva’

(b) /sababaʃta/ ‘logo, pronto’

(c) /isu/ ‘macaco prego’

/ʃ/

(a) /ʃaɪ/ ‘formigueiro’

(b) /kiʃi/ ‘coxa’

(c) /ʃadu/ ‘cobra’

/ʃ/

- (a) /ʃɪtɪ/ 'galináceo'
 (b) /ʃauɪ/ 'tartaruga'
 (c) /tʃaʃu/ 'veado'

/m/

- (a) /maʃu/ 'chifre'
 (b) /ʔɪnamari/ 'amanhã'
 (c) /miʃi/ 'gato'

/n/

- (a) /napɪ/ 'mosca'
 (b) /dʒana/ 'carrapato'
 (c) /runua/ 'jiboia'

/ɲ/

- (a) /datɪɲa/ 'agora'
 (b) /iɲuʃtu/ 'torto'
 (c) /maɲu/ 'liso'

5.1.2 Consoantes em posição de Coda

Na posição de Coda, ocorrem as consoantes fricativas /s, ʃ, ʒ/ e consoante nasal /n/, conforme mostram seguintes exemplos:

(84)

/s/

- | | | |
|-----|----------|--------------|
| (a) | /tsɪstɪ/ | ‘carvão’ |
| (b) | /tapas/ | ‘estábulo’ |
| (c) | /utsis/ | ‘unha do pé’ |

/ʃ/

- | | | |
|-----|-------------|-----------|
| (a) | /tiʃpi/ | ‘laringe’ |
| (b) | /tʃaibaʃta/ | ‘perto’ |
| (c) | /φaiʃ/ | ‘escuro’ |

/ʒ/

- | | | |
|-----|------------|-------------|
| (a) | /atʃuʒta/ | ‘estreito’ |
| (b) | /kaʒta/ | ‘tatu’ |
| (c) | /kɪʒtiati/ | ‘barbeador’ |

5.1.3 Posição de Núcleo

Na posição de Núcleo ocorrem todas as vogais, conforme mostram os exemplos a seguir:

(85)

/i/

- | | | |
|-----|---------|---------------|
| (a) | /ɸibi/ | ‘fruto’ |
| (b) | /kari/ | ‘batata doce’ |
| (c) | /tʃipu/ | ‘último’ |

/ɨ/

- | | | |
|-----|----------|----------|
| (a) | /nɨtati/ | ‘roupa’ |
| (b) | /ɨuapa/ | ‘grande’ |
| (c) | /pɨʃɨ/ | ‘casa’ |

/u/

- | | | |
|-----|----------|-------------|
| (a) | /rɨbuʃa/ | ‘bagre’ |
| (b) | /kuti/ | ‘mandíbula’ |
| (c) | /uʃupa/ | ‘branco’ |

/a/

- | | | |
|-----|-----------|---------|
| (a) | /ɸida/ | ‘novo’ |
| (b) | /irabada/ | ‘magro’ |

(c) /dia/ ‘vivo’

5.2 Os glides [w] e [j]

Os segmentos [w] e [j], tradicionalmente conhecidos como glides, são considerados ambíguos quanto à sua função, pois podem funcionar como consoantes ou vogais. Embora possuam uma distribuição consonantal, foneticamente são percebidos também como se fossem vogais (MORI, 2007, p.159-160)¹⁴. Inclusive, segundo Mori (op. cit.), numa transcrição fonética, em lugar dos glides podem ser usados os símbolos [u] e [i], respectivamente, mas na análise fonológica, terá que se decidir se esses fones funcionam como fonemas consonantais /w/, /j/ ou como fonemas vocálicos /u/, /i/, esta interpretação dependerá do padrão estrutural da língua.

Diante disso, apresentamos uma breve exposição sobre como esses segmentos parecem funcionar na língua Mastanawa. Observamos em nosso *corpus* que [w] e [j]¹⁵ ocorrem tanto em posição de *Ataque* quanto em posição de *Coda*, dando origem às seguintes sequências ambivalentes wV, Vw, e jV, Vj, conforme mostram os exemplos:

(86)

(a)	/ɸaua/	[ɸa ¹ wa]	‘papagaio’
(b)	/iui/	[i ¹ wi]	‘árvore’
(c)	/rau/	[¹ raw]	‘veneno’

¹⁴ Cândido (1998, p.82-85, 93) na análise fonológica da língua Shanenawa, afirma, com base em Kaye & Lowenstamm (1981) e Selkirk (1982), que os glides /w/ e /j/ são manifestações fonéticas dos fonemas vocálicos /u/ e /i/ respectivamente. A autora, citando exemplos do Shanenawa, explica que essas vogais altas sofrem um processo de consoantização por ocuparem as posições de *Ataque* e *Coda* na sílaba e se convertem em glides.

¹⁵ Sendo que o [j] quando ocorre no *Ataque* antecedendo [a] também funciona como alofone de /dʒ/, conforme pode ser observado em 4.2.5 (2).

(d)	/ʃau/	[ʃaw]	‘osso’
(e)	/bai/	[ʼbaj]	‘terra’
(f)	/dʒuida/	[dʒujʼda]	‘animal’
(g)	/ɸɪɾuiuku/	[ɸɪɾojoʼqo]	‘lontra, irara’
(h)	/pɪɪia/	[pɪʔɪʼja]	‘pássaro’

De acordo com Burquest (2006, p. 164-166) uma forma de resolver o problema de ambiguidade desses segmentos é observar se na língua existem sequências vocálicas compostas por vogais médias ou baixas, pois essas sequências não são ambíguas¹⁶ e servem de padrão para definir o *status* dos segmentos ambíguos. Isto porque, conforme expõe Burquest (op.cit.), não seria possível interpretar sequência do tipo [ai] como VC e dar a mesma interpretação para a sequência [ae], visto que só existe uma semivogal [j] que corresponde às vogais anteriores. Portanto, não há razão para postular uma interpretação VC para [ai] quando já se deve ter uma interpretação VV para [ae]. Assim, se existem algumas sequências vocálicas compostas somente por vogais não altas, essas geralmente proporcionam o padrão adequado para a interpretação de sequências VV com vogais altas.

Nos nossos dados encontramos as seguintes palavras que possuem sequências vocálicas compostas por vogais médias-altas e baixas:

(87)

(a)	/tsauti/	[tsaoʼti]	‘banco’
(b)	/tuati/	[toaʼtɪ]	‘peneira’

¹⁶ Segundo Kindell (1997, p. 70), as sequências não ambíguas ou univalentes são sequências foneticamente complexas compostas de dois ou mais fones que sempre ocupam uma sequência de posições na sílaba, sendo que tal sequência pode ocorrer na crista (núcleo), na margem ou abranger as duas posições. As sequências univalentes de vocóides, de acordo com a autora, são as sequências de vogais abertas, meio-abertas e meio-fechadas, tais como: ea,ao, oa...

(c)	/tai/	[ta'ə]	‘pé’
(d)	/bai/	[ba'ə]	‘chácara’
(e)	/ipauidi/	[ipao'di]	‘antigo’
(f)	/turuai/	[toroaʔ'i]	‘fiar’

Com base nos princípios expostos por Burquest (op. cit.) e observando que na língua Mastanawa existem palavras com sequências vocálicas não ambíguas, conforme mostram os exemplos citados anteriormente, é que decidimos postular que os segmentos [w] e [j], na língua Mastanawa, correspondem, no plano subjacente, às vogais altas /u/ e /i/, respectivamente¹⁷. Por extensão, podemos dizer que as sequências wV, Vw, jV e Vj, na realidade, se referem a sequências vocálicas (VV), que serão discutidas no próximo item.

Outro fator que corrobora nossa posição de que os glides [w] e [j] funcionam como os fonemas vocálicos /u/ e /i/ é a ocorrência da oclusiva glotal [ʔ]. Conforme expomos anteriormente (p. 83-5), decidimos optar pelo estatuto da glotal [ʔ] como sendo estritamente fonético, desta forma, concluímos que, se a glotal [ʔ] é precedida por [j] e precede [w], isto explica o comportamento vocálico desses fones, observe os exemplos:

(88)

(a)	/ʃaaii/	[ʃaʔajʔ'i]	‘respirar, suspirar’
(b)	/duuaba/	[duʔwa'ba]	‘alcançar’
(c)	/tɪrɪii/	[təɾəjʔ'i]	‘cantar’
(d)	/iuiɾa ɸadʒabau/	[iʔwi'ra ɸadʒa'bawə]	‘despreza’

¹⁷ Observamos que nas línguas Shanenawa e Matis ocorre o mesmo fenômeno com os glides [w] e [j], ou seja, na análise fonêmica dessas línguas, esses segmentos foram reconhecidos como realizações fonéticas das vogais altas /u/ e /i/, respectivamente (cf. CÂNDIDO, 1998, p. 82-86; e FERREIRA, 2000, p. 59)

Entretanto, existe também a possibilidade dos glides [w] e [j] funcionarem como consoantes na língua Mastanawa, isto porque, ao compararmos esses segmentos com sons foneticamente semelhantes a eles, encontramos pares mínimos e pares análogos, como mostram os exemplos a seguir:

[b] e [w] contrastam em ambientes idênticos, veja os exemplos abaixo:

(89)

(a)	/ibi/	[i'bi]	‘sangue’
	/iui/	[i'wi]	‘árvore’
(b)	/ɸaba/	[ɸa'ba]	‘jacaré’
	/ɸaua/	[ɸa'wa]	‘papagaio’

[w] e [k] contrastam em ambientes análogos, como se vê nos exemplos a seguir:

(90)

(a)	/ɰua/	[ɰ'wa]	‘rede de dormir’
	/niskai/	[nis'kaɰ]	‘suar’
(b)	/ɸauaru/	[ɸawa'ro]	‘sucuri’
	/takara/	[taka'ra]	‘galinha’

Buscamos comparar os segmentos [w] e [k] porque, segundo Burquest (2009, p. 53), a aproximante [w] deve ser comparada com um som velar, uma vez que, tecnicamente falando, a mesma é uma lábio-velar.

[ɲ] e [j]¹⁸ contrastam em ambientes análogos, como mostram os exemplos abaixo relacionados:

(91)

(a)	/uʃɲa/	[uʃi'ɲa]	‘maduro’
	/piia/	[pi'ja]	‘sobrinho, sobrinha’
(b)	/tapɲa/	[tapĩ'ɲa]	‘sabido’
	/kuɸiia/	[qoɸi'ja]	‘cobertor’

Contudo, a despeito da existência desses pares mínimos e análogos que indicam a possibilidade dos glides [w] e [j] serem fonemas consonantais, optamos por considerá-los como alofones das vogais altas [u] e [i] respectivamente, com base na exposição apresentada anteriormente (cf. p. 99-101) que segue os princípios de interpretação dos segmentos ambíguos encontrados em Burquest (2009, p. 164-6).

5.2.1 Sequências vocálicas ambíguas

Após definir o *status* fonológico dos glides [w] e [j], e mostrar que as sequências ambivalentes wV, Vw, jV e Vj são sequências vocálicas, observamos que o resultado foi o surgimento de algumas sequências vocálicas ambíguas, aquelas em que um dos segmentos é uma vogal alta. Tais sequências são consideradas ambíguas porque podem funcionar como duas unidades fonológicas ou como uma única unidade (BURQUEST, 2006, p.167).

Segundo Burquest (op.cit. p.170), aplica-se o mesmo princípio que foi utilizado para interpretar os segmentos ambíguos, conforme exposto no item anterior. Verifica se o número

¹⁸ Conforme foi dito anteriormente, a aproximante [j] também é alofone do fonema /dʒ/ quando precede a vogal [a].

de tais sequências vocálicas não é muito limitado, de maneira que a maior parte dos segmentos não ambíguos aparece indiscriminadamente tanto na primeira quanto na segunda posição vocálica, se assim for, deve-se dar uma interpretação VV para tais sequências. Esta análise é preferível, porque assim se evita postular um número excessivo de fonemas vocálicos na língua. Se ao contrário, houver poucas sequências vocálicas ambíguas nos dados, deve-se optar pela vogal única, ou seja, a análise pelo ditongo. Observamos que o que ocorre no Mastanawa se encaixa na primeira opção, pois, nos dados aparece um número considerável de sequências vocálicas ambíguas, cerca de oito tipos diferentes [ia, ai, ua, ui, uə, əi, io, oi] e no que se refere aos segmentos não ambíguos, todos ocorrem tanto na primeira quanto na segunda posição vocálica. Diante disso, interpretamos as sequências vocálicas na língua Mastanawa como sendo VV.

Sendo assim, concluímos que as palavras em que os segmentos [w] e [j] ocorrem em posição de Ataque e Coda, implicando em estruturas como CV e VC, esses segmentos ao mesmo tempo são interpretados como vogais que estão em um Núcleo, dando origem a uma estrutura VV, ou seja, na fonologia seriam interpretados como vogais, mas na fonética da língua se manifestam como consoantes, adequando-se, dessa forma, ao padrão silábico da fonética Mastanawa, conforme exemplificado abaixo:

(92)

(a)	[ɸɑ'wa]	/ɸaua/	'terra'	/CV.VV/
(b)	['raw]	/rau/	'veneno'	/CVV/
(c)	[ɸɪrojo'qo]	/ɸɪruiuku/	'lontra'	/CV.CV.VV.CV/
(d)	['baj]	/bai/	'terra'	/CVV/

5.3 O acento

O acento, de acordo com Burquest (2006, p. 218-220), em muitas línguas, funciona como demarcador de fronteira de palavra, esta noção está relacionada ao fato de que essas línguas acentuam a sílaba que se encontra na periferia ou próximo dela. Segundo o autor, é possível que algumas línguas tenham palavras polissilábicas com várias sílabas acentuadas, sendo uma das sílabas a mais proeminente, nesses casos se diz que a sílaba proeminente possui o acento primário, enquanto que as outras sílabas têm o acento secundário. Na língua Mastanawa, o acento secundário ocorre apenas em palavras compostas, as palavras simples são marcadas por um único acento que consideramos como primário.

5.3.1 O acento em palavras simples

Na língua Mastanawa, as palavras simples são constituídas de uma ou mais sílabas e o acento, nesse tipo de palavra, é previsível, recai sempre sobre a última sílaba, excetuando os verbos no modo imperativo, nos quais o acento recai sobre a penúltima sílaba, conforme mostram os seguintes exemplos:

(93)

(a)	[¹ t]	‘formiga’	[V]
(b)	[¹ φo]	‘cabelo’	[CV]
(c)	[i ¹ so]	‘urina’	[V.CV]
(d)	[dʒa ¹ bi]	‘machado’	[CV.CV]
(e)	[kɪdu ¹ ti]	‘faca’	[CV.CV.CV]
(f)	[pɪra ¹ to]	‘prato’	[CV.CV.CV]

(g)	[ʃɪaba'ti]	‘anzol’	[CV.V.CV.CV]
(h)	[a'dʒawə]	‘beba!’	[V.CV.CV]
(i)	[ʰɸawə]	‘enfie!’	[CV.CV]
(j)	[bada'dʒuwə]	‘aguarde!’	[CV.CV.CV.CV]

Os exemplos citados evidenciam que o acento na língua Mastanawa não tem função contrastiva, ou seja, as sílabas acentuadas não servem para distinguir palavras, mas sua função é apenas demarcativa. Também, uma vez que o acento nessa língua é previsível não é necessário ser representado no nível fonológico.

5.3.2 O acento em palavras compostas

No Mastanawa existem algumas palavras polissilábicas que resultaram de uma composição, ou seja, da junção de duas palavras simples, observe os exemplos:

(94)

(a)	[ba'tʃi] # [kɪ'ja]	=>	[ba,tʃikɪ'ja]	‘montanha’
	CV.CV # CV.CV			
	morro		alto	
(b)	[ɪwa'pa] # [baʃ'ta]	=>	[ɪwa,pabaʃ'ta]	‘delgado’
	V.CV.CV # CVC.CV			
	grosso		NEG	

(c) [itʃa'pa] # [baʃ'ta] => [itʃa₁pabaʃ'ta] 'poucos'

V.CV.CV # CVC.CV

muitos NEG

(d) [ɨ'də] # [ba'tsi] => [ɨ₁dɨba'tsi] 'gelo'

V.CV # CV.CV

água frio

Nessas palavras compostas, ocorre, além do acento primário, um acento secundário, isto porque, no processo de composição, o acento da primeira palavra é atenuado, por isso, o consideramos como secundário, e o da segunda palavra, como primário, visto que o mesmo permanece proeminente na última sílaba.

CONCLUSÃO

Concluimos esta dissertação com a certeza de haver alcançado o objetivo proposto, que era o de apresentar, de forma preliminar, um estudo da fonologia da língua Mastanawa (Pano), falada por um povo localizado às margens do rio Purus, Peru. Embora não tenhamos apresentado soluções para alguns problemas que surgiram durante a análise, sabemos que diante da complexidade de uma língua, é possível que, ao término da análise, fiquem questões por resolver.

Na composição do trabalho, utilizamos dados linguísticos coletados *in loco* no ano de 2011, junto a um falante nativo da língua. Na parte introdutória, relatamos como foi feito o trabalho de campo e a metodologia que utilizamos na coleta dos dados; na sequência, fornecemos algumas informações etnográficas; e em seguida, com base nos dados, fizemos o levantamento dos sons existentes na língua Mastanawa. O inventário fonético do Mastanawa é constituído de 24 fones consonantais e 12 fones vocálicos. E aplicando os procedimentos de análise fonêmica, identificamos os fonemas na língua. O resultado foi o seguinte: 16 fonemas consonantais e quatro fonemas vocálicos.

Conforme expomos inicialmente, durante a análise, nos deparamos com alguns problemas cuja solução ficará a cargo de estudos futuros. Trata-se do estatuto dos seguintes segmentos: [h], [u], [ə] e [ʔ]. Os fones [h], [u] e [ə] foram considerados como alofones de /ɸ/, /o/ e /ɪ/, respectivamente. Entretanto, nos nossos dados, encontramos exemplos em que esses segmentos contrastam em ambientes idênticos ou análogos com sons foneticamente semelhantes a eles. Contudo, optamos por considerá-los como alofones, pelas razões que se encontram expostas no texto. No que se refere à oclusiva glotal [ʔ], apesar de também contrastar com sons semelhantes, foi considerada apenas como um recurso para evitar encontros vocálicos. Os motivos dessa decisão também estão esclarecidos no texto.

Também fizemos uma breve exposição sobre as nasais [m, n, ŋ, N] em coda silábica, em posição medial de palavra. Levantamos a hipótese de que esses segmentos se neutralizam

nessa posição, ou seja, perdem o contraste e assimilam os pontos de articulação das consoantes que lhes seguem.

Outro ponto discutido no texto foi o da nasalidade das vogais. Observamos que, com base nos dados existentes, não é possível comprovar a existência de vogais inerentemente nasais na língua Mastanawa. Assumimos, então, que as vogais nasalizadas são o resultado do espraçamento do traço nasal de uma consoante nasal adjacente a elas. No caso das vogais nasalizadas que ocorrem em final absoluto de palavra, consideramos que as mesmas assimilaram a nasalidade de uma consoante nasal não especificada devido a um processo de redução.

Ao final, apresentamos a sílaba e a constituição interna dos tipos silábicos. Discorreremos sobre a ocorrência dos glides lábio-velar [w] e palatal [j], e o acento. Quanto aos glides, foram interpretados como alofones das vogais altas [u] e [i], respectivamente. No que se refere ao acento, sua ocorrência é previsível, pois se manifesta sempre na última sílaba, com exceção dos verbos no modo imperativo, nos quais o acento aparece na penúltima sílaba.

REFERÊNCIAS

- ADELAAR, W. F. H. El problema de las lenguas en peligro: América del Sur. In ROBINS, R. H; UHLEMbeck, E. M; CUARON, B. G. (Eds.) *Lenguas en peligro*. México: Instituto Nacional de Antropología e História, 2000. p. 84.
- ANDREGHETTO, F. *A História de Xacapa*. Naranjal/Peru, 2008 <xakapamasta.blogspot.com> Acesso em 03 jul. 2012.
- AGUIAR, M. S. *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.
- AMARANTE RIBEIRO, L. A. *Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano*. Revista Investigações. Linguística e Teoria Literária, 19, 2006. p. 16-37.
- AMARANTE RIBEIRO, L. e CÂNDIDO, G. V. *Estudo Comparativo do Sistema Fonológico das Línguas Pano*. Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da UEG, 2006. 60 f. (s/d.). p. 35.
- BLEVINS, J. The Syllable in Phonological Theory. In.: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1996. p. 206-244.
- BURQUEST, D. A. *Análisis Fonológico: un enfoque funcional*. Dallas: SIL International. 3ed. 2006.
- CÂNDIDO, G. V. - *Aspectos Fonológicos da Língua Shanenawá (Pano)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 1998.
- CÂNDIDO, G. V. *Descrição Morfossintática da Língua Shanenawa (Pano)*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2004.
- CHIRIF, A. e MORA, C. Morunahua. In: *Atlas de comunidades nativas*. Lima: SINAMOS, 1977. p. 162.
- COLLISCHONN, G. A Sílabas em Português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- FERREIRA, F. Jaminawá – Revitalização Cultural. In: *Povos do Acre História Indígena da Amazônia Ocidental*. Rio Branco: Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour (FEM), 2002. p. 32.
- FERREIRA, R. V. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2005. p. 16-7.

FERREIRA, V. R. S. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 2000.

FUDGE, E. *Syllables*. Journal of Linguistics. Cambridge, UK, 1969.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell, 1990.

GRASSERIE, R. *De la Famille Linguistique Pano*. Congrès International des Américanistes (Berlín, 1888), 1890. p. 438-449.

HAYES, B. *Introductory phonology*. Blackwell, 2009.

HINTON, L. Language Revitalization: an Overview. In.: HINTON, L.; HALE, K. *The Green Book of Language Revitalization in Practice*. London: Academic Press, 2001. p.3-18.

HYMAN, L. M. *Fonología Teoria y Análisis*. Madrid. Paraninfo, 1981.

KAYE, & LOWENSTAMM. Syllable Structure and Markedness Theory. (Linguistic Inquiry). BELLETTI, A.; BRANDI, L.; RIZZI, G. L. (eds) - *Theory of markedness in Generative Grammar*. Pisa: Sanola Normale Supesiore, 1981. p. 287-316.

KRAUSS, M. *The World's languages in crisis*. In HALE, K. et all (eds.). *Endangered languages*. Language 68:1-42, 1992.

JAKOBSON, R., FANT, G. & HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press, 1952.

KAGER, R. The Metrical Theory of Word Stress. In.: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1996.

KINDELL, G.E. *Guia de Análise Fonológica*. 3ed. Brasília: Sociedade Internacional de Linguística, 1997.

LOOS, E. *Materiales para estudios comparativos de la familia pano: frases e textos del dialecto mastanahua*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1976.

LOUKOTKA, C. *Sobre la Classificación de las Lenguas Indígenas de la América del Sul*. Congresso Internacional de Americanistas, n. 26, Madrid,1944. p. 411-415.

McQUOWN, N. A. *Indigenous languages of Latin America*. American Anthropologist, v. 57, 1955. p. 501-570.

MASON, J. A. Panoan. In STEWARD, J. *Handbook of South American Indians*. New York: Cooper Square,1963. Bulletin 143, v. 6, p. 267-9.

MASSINI-CAGLIARI, G e CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora. v.1. 2007.

MORI, A. H. C. *Questionário*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.

_____. – Fonologia. In.: MUSSALIM F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2007. v.1. p.147-179.

MOTA, G. *Conhecendo o povo Mastanawa* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <graciete@hotmail.com> em 2010.

_____. – Comunicação pessoal. Mensagem recebida por <graciete@hotmail.com> em 2012.

NATIVE-LANGUAGES: *Mastanahua Indian Language (Mastanawa)*. Disponível em: <<http://www.native-languages.org/mastanahua.htm>> Acesso em 25 mar. 2010.

PIKE, K. L. *Phonemics: a Technique for Reducing Languages to Writing*. The University of Michigan Press, Ann Arbor, 1947.

_____. – *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior*. The Hague: Mouton, 1967.

PIKE, E. & SCOTT, E. *The Phonological Hierarchy of Marinahua*. *Phonetica* 8, 1962. p. 1-8.

RIBEIRO, D. e WISE, M. R. *Los Grupos Etnicos de la Amazonia Peruana*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1978. p. 176.

RIVET, P. *Languages Américaines*. MEILLET-COHEN, *Les Langues du Monde*. Paris: CNRS, 1924.

ROWE, J. *Cuestionario para la Comparacion y Clasificacion de las Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Boletín Indigenista Venezolano. Tomo II, 1954.

SALZMANN, Z. *Review: Klassifikation der Südamerikanischen Sprachen. By Cestmir Loukotka*. *Zeitschrift für ethnologie* 74. 1-69 (1942). *International Journal of American Linguistics*. v.17. 1951. p.259-267.

SELKIRK, Elizabeth. *The Syllable*. In.: HULST, Harry van der & SMITH, Norval. *The structure of Phonological Representations*. v. 2. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SHELL, O. A. *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*. 3ed. n. 12, Lima: ILV SLP, 2008.

SOLIS, G. *Lenguas em la Amazonía Peruana*. Lima, 2003. p. 172.

SPEECH ANALYZER Version 3.0 Student Manual. SIL International, 2007.

STEWART, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*. v.3. New York: Cooper Square Publishers, 1963. p. 556.

SWADESH, M. *Mapas de clasificaciones de México y las Américas*. México: UNAM, 1959.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. University of California, Los Angeles, 1969.

WEISS, H. E. *Fonética Articulatória: Guia e Exercícios*. Summer Institute of Linguistics. 3ed. Brasília, 1988.

WISE, M. R. (Ed.). *Vocabulário Sharanahua-Castellano*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2004.

WISE, M. R. (Ed.). *Diccionario Capanahua-Castellano*. Perú: Instituto Lingüístico de Verano, 2003.

APÊNDICE I

Vocabulário Básico Mastanawa

1. Mastanawa - Português

<i>Fonológico</i>	<i>Tradução</i>
adiϕu	velho
adu	paca
aman	capivara
asain	afogar-se
aşϕa	boca
atsanai	cansado
atu	estômago
auin ϕu	mulher
auijaba	viúvo
auıda	ninho
bai	terra, areia
bapu	cabeça
bapurua	careca
bata	sombra
batsi	frio
batʃi	montanha
baı	chácara, piranha
bitʃa	barro, argila
bisi	pamonha recheada
bıtu	seco
bıtuti	dedo
bitsis	unha da mão
bıtsaba	feio
bıtʃa	lodo, pântano
bıtʃada	molhado
bua	amargo
budui	dançar
dabi	carne
diʃi	corda

didí	puxar
dı̄şai	atar, ligar
duāɸai	apagar
dud̄zai	voar
dup̄ı̄	faca
duuaba	alcançar
duui	chegar
d̄zabi	machado
d̄zabı̄	noite
d̄zapi	rato
d̄zua	mandioca
d̄zubı̄şta	bebê
d̄zubı̄tsu	ladrão
d̄zuda	febre
d̄zura	peessoa
d̄zı̄rı̄a	apertar
ɸaba	jacaré
ɸada	plantação
ɸara	abóbora
ɸata	doce
ɸari	sol
ɸasi	erva
ɸata	doce
ɸaua	papagaio
ɸauaru	sucuri
ɸianai	casar
ɸida	vespa
ɸı̄dı̄ı̄	fique de pé
ɸı̄supa	preto
ɸı̄şata	animal selvagem
ɸı̄şkui	balançar
ɸı̄şpi	sobrancelha
ɸı̄tşı̄	couro
ɸı̄tşu	garça
ɸı̄ai	forrar
ɸı̄da	novo
ɸı̄dı̄d̄zaba	viúva
ɸı̄ı̄	vento
ɸı̄mana	frente

φɪru	olho
φɪʃu	cego
φurua	amontoar
φɪruɪuku	lontra, irara
φisu	preto
φɪʃui	onda
φu	cabelo
φumaiɲa	alto, acima
φuun	cetico (tipo de árvore)
φuʃku	sapo
φuʃpɪa	cheio
φutʃai	cabelo comprido
ɪbi	sangue
ɪdai	subir
ɪdapapi	escorpião
ɪdibai	alegre
ɪdʒatu	ovo de piolho
ɪnai	dar, presente
ɪnsa	murici
ɪnsin	dor
ɪɲa	lago
ɪɲuʃtu	torto
ɪrabada	magro, fraco
ɪsu	macaco prego
ɪʃki	afiar
ɪui	árvore
ɪuɪnɾaφai	acreditar
ɪaɪbis	chorão
ɪdɪ	água
ɪʃɪ	costurar
ɪn	eu
ɪɾɪ	fogo
ɪʃɪ	semente
ɪʃtɪ	estrela
ɪuapa	grande, gordo
ɪuɪ	pesado
kadʒaφabis	curandeiro
kadʒaaφi	direito
kai	descer, caminhar

kain	arara
kati	arco
kari	batata doce
karu	lenha
kaji	morcego
kaşıa	brincar
kaşıi	burla
kidi	buraco
kisi	palmeira
kiji	coxa, estaca
kiti	panela de barro
kıbai	responder
kıdı	parede
kıduti	faca
kıdzua	exterminar
kıfa	lábio
kırış	duro, forte
kışti	barba
kışu	bodó (tipo de peixe)
kıtfu	caneca
kua	queimado
kuai	queimar
kuba	perdiz
kuin	fumo
kupa	amigo
kutu	macaco vermelho
kuşikai	fugir
mania	banana
mapu	liso
maşu	chifre
matsuin	varrer
min	você, tu
miji	gato
mıın	mão
nama	veloz
napı	mosca
nauan φai	arco-íris
niskai	suar
nıtati	roupa

nun	nós
padʒu	raia
paiti	ventilador
panira	panela
paritu	fósforo
parutabuti	brinco
paʒta	cachorro
patʃu	orelha
paɪ	aguardente
paɪ	cair
pidɨʃɨbɨti	saia
pidʒa	sobrinho, sobrinha
piɲai	atirar flecha
piɪ	podre
pitʃati	cozinha
pitʃi	costas
piʃɨ	casa
piɪ	desatar
piɔda	dia
pi	dinheiro, folha
piɲia	pássaro
piɲratu	prato
puɸɨ	valente
puin	cavar
puɪ	atravessar
puɲa	braço
puʃpui	muito
raai	deitar de costas
raɸɨ	dois
raʃkia	machucar-se
ratɨbis	medroso
ratuu	joelho
riɲa	linha
riɪɸi	corda
ritiai	encostar o bote
riɪrai	derrubar
riɔɔzui	apertar
rudu	víbora
rukauan	macaco aranha

runua	jiboia
saφin	mareado, enjoado
sıpai	roçar
ʃaaii	respirar, suspirar
ʃada	quente
ʃadi	preguiçoso
ʃadu	cobra
ʃara	bom
ʃatı	curto
ʃiba	macana (tipo de peixe)
ʃiman	peixe
ʃimanuan	filhote de peixe
ʃinai	ter pena
ʃinanun	secar (carne)
ʃıabati	anzol
ʃıua	rede
ʃu	verde
ʃuʃpa	sardinha
ʃadu	avó
ʃamun	ferida
ʃara	abelha
ʃaʃu	canoa
ʃuidza	assar
ʃutʃi	peito
tabu	face
takara	galinha
tapas	estábulo
tapiņa	sabido
tapu	raiz
taua	flecha
tıņa	quando
tıdıi	deitar-se
tırii	enxugar
tıtı	gavião
tıtuʃpu	pomo-de-adão
tıııti	colar, miçangas
tuiıi	pedra
tukuru	redondo
tsaan	caracol

tsauti	banco
tsini	espremer, torcer
tsu	bicho-de-pé
tsɪɪ	grilo
tsɪstɪ	carvão
tʃaada	azarado
tʃaidipa	comprido
tʃaru	flor
tʃaan	caracol
tʃabi	abacaxi
tʃai	longe
tʃani	enganar
tʃati	pau
tʃɪɪ	periquito
tʃutʃuʃta	pequeno
ubitsai	triste
udu	porco-do-mato
uinti	coração
ukui	tossir
unʃi	vermelho
uʃapai	sonolento
uʃina	maduro
uʃɪ	lua
upuʃku	tornozelo
utʃis	estábulo
utʃi	irmão mais velho de homem

2. Português - Mastanawa

Tradução

abacaxi
abelha
abóbora
acreditar
afiar

Fonológico

tʃabi
ʃara
ɸara
iuinraɸai
iʃki

afogar-se	asain
água	ıdı
aguardente	paı
alegre	ıdıbai
alcançar	duuaba
amargo	bua
animal selvagem	φıfata
apagar	duaφai
atar, ligar	dışai
alto, acima	φumaııa
amigo	kupa
amontoar	φurua
anzol	şıabati
apertar	dızııa, rıdzuı
arara	kain
arco	kati
arco-íris	nauan φai
árvore	iui
assar	şuidza
atirar flecha	pıııai
atravessar	puıı
avó	şadu
azarado	tşaada
balançar	φıfkui
banana	mania
banco	tsauti
barba	kıştı
barro, argila	bitşa
batata doce	kari
bebê	dzubıştı
bicho-de-pé	tsu
boca	aşφa
bodó (tipo de peixe)	kışu
bom	şara
braço	puııa
brincar	kaşıa
brinco	parutabuti
buraco	kidi
burla	kaşıı
cabeça	baıı

cabelo	ɸu
cabelo comprido	ɸutʃai
cachorro	paʃta
cair	paɪ
caneca	kɪʃu
canoa	ʃaʃu
cansado	atsanai
capivara	aman
caracol	tsaan
careca	baɸurua
carne	dabi
carvão	tsɪstɪ
casa	pɪʃɪ
casar	ɸianai
cavar	puɪn
cego	ɸɪʃu
cetico (tipo de árvore)	ɸuun
chácara, piranha	baɪ
chegar	duui
cheio	ɸuʃɸia
chorão	ɪaibis
cobra	ʃadu
colar, miçangas	tɪuɪti
comprido	tʃaidipa
coração	uinti
corda	diʃi, risɸi
costas	pitʃi
costurar	ɪʃi
couro	ɸitʃi
coxa, estaca	kiʃi
cozinha	pitʃati
curandeiro	kadzɪaɸabis
curto	ʃatɪ
dançar	budui
dar, presente	inai
dedo	bɪtuti
deitar de costas	raai
deitar-se	tɪdi
derrubar	rɪrai
desatar	pɪai

descer, caminhar	kai
dia	pɪda
dinheiro, folha	pɪ
direito	kadzaaɸi
doce	ɸata
dois	raɸɪ
dor	insin
duro, forte	kɪɪɕ
encostar o bote	ritiai
enganar	tʃani
enxugar	tɪɪii
erva	ɸasi
escorpião	idapapi
espremer, torcer	tsini
estábulo	tapas, utsis
estômago	atu
estrela	ɪʃtɪ
eu	ɪn
exterminar	kɪdʒua
face	kɪduti, dupɪ
face	tabu
feio	bɪtsaba
febre	dʒuda
ferida	ʃamun
filhote de peixe	ʃimanuan
fique de pé	ɸidiuɪ
flecha	taua
flor	tʃaru
fogo	ɪɪ
forrar	ɸɪai
fósforo	paritu
frente	ɸɪmana
frio	batsi
fugir	kuʃikai
fumo	kuin
galinha	takara
garça	ɸitʃu
gato	miʃi
gavião	tɪtɪ
grande, gordo	ɪuapa

grilo	tsɪɾɪ
irmão mais velho de homem	utʃi
jacaré	ɸaba
jiboia	ɾunua
joelho	ɾatuu
lábio	kɪʃa
ladrão	dʒubɪtsu
lago	ɪɲa
lenha	karu
linha	ɾɪɲa
liso	maɲu
lodo, pântano	bɪʃa
longe	tʃai
lontra, irara	ɸɪɾuiuku
lua	uʃɪ
macaco aranha	ɾukauan
macaco prego	isu
macaco vermelho	kutu
macana (tipo de peixe)	ʃiba
machado	dʒabi
machucar-se	ɾaʃkia
maduro	uʃɪɲa
mandioca	dʒua
montanha	batʃi
magro, fraco	irabada
mão	mɪn
mareado, enjoado	saɸin
medroso	ɾatɪbis
molhado	bɪʃada
morcego	kaʃi
mosca	naɾɪ
muito	puʃpuɪ
mulher	auin ɸu
murici	insa
ninho	auɪda
noite	dʒabɪ
novo	ɸɪda
olho	ɸɪɾu
onda	ɸɪʃui
orelha	paʃu

ovo de piolho	idzatu
paca	adu
pamonha recheada	bisi
palmeira	kisi
panela	panira
panela de barro	kiti
papagaio	ɸaua
parede	kɪdɪ
pássaro	pɪia
pau	tʃati
pedra	tuiri
peito	ʃutʃi
pequeno	tʃutʃuʃta
perdiz	kuba
periquito	tʃɪɪ
perto	tʃaibaʃta
pesado	ɪuɪ
pessoa	dʒura
pescado	ʃiman
plantação	ɸada
podre	pisi
pomo-de-adão	tɪtuʃpu
porco-do-mato	udu
prato	pɪratu
preguiçoso	ʃadi
preto	ɸisu, ɸisupa
pulso	bɪpuʃku
puxar	didi
quando	tɪɲa
queimado	kua
queimar	kuai
quente	ʃada
raia	padʒu
raiz	tapu
rato	dʒapi
rede	ʃua
redondo	tukuru
respirar, suspirar	ʃaaii
responder	kɪbai
roçar	sɪpai

roupa	nɪtati
sabido	tapɪɲa
saia	pɪdɪʂɪbɪti
sangue	ɪbi
sapo	ɸuʂku
sardinha	ʂuʂpa
secar (carne)	ʂinanun
seco	bɪtu
semente	ɪʂɪ
sobrancelha	ɸɪʂpi
sobrinho, sobrinha	pɪdʒa
sombra	bata
sol	ɸari
sonolento	uʂapai
suar	niskai
subir	idai
sucuri	ɸauaru
temer	ubisi
ter pena	ʂinai
terra, areia	bai
tornozelo	upuʂku
torto	ɪɲuʂtu
tossir	ukui
triste	ubitsai
unha da mão	bitsis
valente	puɸɪ
varrer	matsuin
velho	adiɸu
veloz	nama
ventilador	paiti
vento	ɸɪ
verde	ʂu
vermelho	unʂi
vespa	ɸɪda
víbora	rudu
viúva	ɸɪdɪdʒaba
viúvo	auɪɲaba
voar	dudʒai
você, tu	min

APÊNDICE II

Mapas

Mapa 1 – Mapa lingüístico: área onde é falado o Mastanawa.



Fonte: http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/ge_pano/panoan/sharanawa <Acesso em 5 de ago 2012>

Mapa 2 – Localização dos Sharanawa que inclui os subgrupos Sharanahua, Mastanahua, Parquenahua e Marinahua, línguas faladas ao longo do Alto Purus.



Fonte: http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/ge_pano/panoan/sharanawa
<Acesso em 5 de ago 2012>